



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-CAMPUS IV
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

EDVANIO ALMEIDA DO ESPÍRITO SANTO

**AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA URBANA
DA BANANEIRA, DO TERRITÓRIO DO PIEMONTE DA DIAMANTINA:
MUNICÍPIO DE JACOBINA-BAHIA**

**JACOBINA-BA
2021**

EDVANIO ALMEIDA DO ESPÍRITO SANTO

**AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA URBANA
DA BANANEIRA, DO TERRITÓRIO DO PIEMONTE DA DIAMANTINA:
MUNICÍPIOS JACOBINA-BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso, solicitado como pré-requisito para a obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em Geografia de do Departamento de Ciências Humanas – Campus/IV, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Área de concentração: Geografia

Professora Orientadora Ms^a. Paula Regina de Oliveira Cordeiro

EDVANIO ALMEIDA DO ESPÍRITO SANTO

Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado:

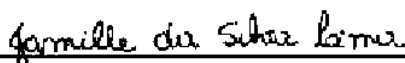
AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA URBANA
DA BANANEIRA, DO TERRITÓRIO DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: MUNICÍPIOS
JACOBINA-BAHIA

BANCA EXAMINADORA



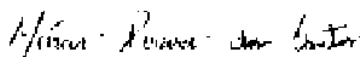
Professor Orientador, Ms^a. Paula Regina de Oliveira Cordeiro

UNEB- DCH IV



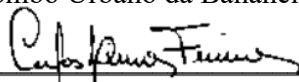
Professor Avaliador, Dr^a. Jamille da Silva Lima

UNEB- DCH IV



Professor Avaliador, Ms^a. Márcia Pereira dos Santos

Quilombo Urbano da Bananeira



Professor Avaliador, Ms^o. Carlos Lima Ferreira

UNEB - DCH IV

Aprovado em 13 de Julho de 2021

“A sabedoria não nos é dada. É preciso descobri-la por nós mesmos. Depois de uma viagem que ninguém nos pode poupar ou fazer por nós”

Marcel Proust – Escritor francês

DEDICATÓRIA

Nessa longa estrada que é a vida, muitas as pessoas nos estendem as mãos. Pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que essa conquista fosse possível. Dedico a Deus pela sua infinita bondade em ter me concebido o dom de persistir. A minha família pela existência de pleno aprendizado.

Dizem que as coisas boas que fazemos ecoam para sempre, partindo desse propósito é que tentamos marcar o coração e tornar imortal a mágica de fazer um sonho se tornar realidade. Por trás dessa conquista existem pessoas que, assim como eu, têm sonhos e vontades, oportunidades e escolhas, e a melhor coisa do mundo é saber que elas, acima de tudo, escolheram estar ao nosso lado.

Dedico aos moradores que contribuíram nesse trabalho, Zidalia; Maria Madalena; e Delsom, do Quilombo Urbano da Bananeira que me receberam e responderam aos meus questionamentos, dividiram comigo suas vivências, incertezas, descontentamentos. Em especial à senhora Zidalia Neri Santiago, que abriu as portas de sua residência, e se empenhou em compartilhar comigo suas histórias.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das maiores qualidades do ser humano, pois ninguém é feliz sozinho. Ninguém chega ao Olimpo acadêmico sozinho. Tenho inúmeras pessoas a agradecer e com quem compartilhar minha imensa alegria de chegar até aqui. Agradeço primeiramente a Deus; Deus por ter propiciado em minha vida mais esse momento de alegria na minha formação profissional, por ter saúde e disposição para continuar na luta por uma sociedade mais justa para todas e todos.

Aos meus familiares que sempre acreditaram na minha força de vontade e estiveram contribuindo para que eu pudesse chegar a conquistar e alcançar meus objetivos, na vida e nos meus estudos. Dentre meus familiares aos meus pais Maria Almeida do Espírito Santo e Erminio do Espírito Santo, aos meus irmãos, Silvane, Cirleide, Edmilsom.

Aos entrevistados, Zidalia Neri Santiago, Maria Madalena de Jesus Maia, e Delsom Araujo dos Santos, pessoas que contribuem com o seu conhecimento, agregando saberes e formação na vida de muitas pessoas que, assim como eu, buscam uma melhoria para sua formação. Posso dizer que são amigos que ajudaram compartilhando suas experiências e que em muitos momentos se mostraram disponíveis ao estudo.

Agradeço à minha orientadora Paula Regina de Oliveira Cordeiro, sempre disponível, feliz e competente, ajudando-me e proporcionando o melhor de mim mesmo, uma grande amiga. Me instigou, provocou, poetizou, compartilhou seus saberes e ensinamentos, despertando sempre o meu olhar pesquisador.

As examinadoras do parecer de participação da pré banca do trabalho de conclusão do curso faço um agradecimento especial: foi fundamental para definição e construção da pesquisa a participação das professoras. As observações do Professora Dr^a. Jamille da Silva Lima, que fez uma série de considerações, desde os referentes a definição dos objetivos da pesquisa. Destacou alguns problemas identificados no texto, como problema, (Atente apenas à grafia de “serras” que, em minúsculo, refere-se à unidade de relevo – ausente no país. Na realidade, você escreve sobre “Serras”, em maiúsculo, pois trata-se do nome próprio popular) dentre outras observações. Jamile meu muito obrigado.

Agradeço a Ms. Márcia Pereira dos Santos, a partir de sua leitura e análise crítica, fez observações e sugestões importantes para a pesquisa. Contribuiu com a definição dos objetivos geral e específicos que foram fundamentais para nortear o desenvolvimento do nosso trabalho

de pesquisa. Fez observações acerca do tema da Pesquisa. Marcia muito obrigado pela sua generosidade.

Agradeço ao professor. Ms Carlos Lima Ferreira, por aceitar com muito carinho o convite para participar da minha banca de defesa, me sinto muito honrado por você representar de maneira tão significativa a Educação. Obrigado pelo apoio e colaboração. Antecipo-lhe meus agradecimentos.

Agradeço a companheira de debates acadêmicos Efigênia Rocha, que carinhosamente nos permitimos nos chamarmos de irmãos gêmeos de pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer também aos companheiros Danielma Ferreira, Edivan Lima e Elber Aristovolu muito obrigada por tudo, pela paciência, pela amizade e pelos ensinamentos que levarei para sempre.

Porém, se pelo caminho encontrarmos pontos de inspiração que nos instiguem à descoberta, a viagem tornar-se-á, por certo, bem mais interessante e profícua. Por isso, mais uma vez, aqui deixo a todos os que foram “pontos de inspiração” nesta minha viagem, o meu mais sincero e sentido obrigado.

Agradeço à vida que me possibilitou escolhas tão lindas, que me fez e faz um cidadão negro e consciente do meu papel na sociedade, sobretudo como futuro professor.

A todos, muita gratidão.

LISTA DE ABREVIATURAS

ATABAQUE - A Associação Afro Brasileira Quilombo Erê

ASPAFF CHAPADA NORTE - Associação De Ação Social E Preservação Das Águas, Fauna E Flora Da Chapada Norte

CF - Constituição Federal

FCP - Fundação Cultural Palmares

RQCN - Rede Quilombola da Chapada Norte

REFAS PIEMONTE - Rede Territorial de Feiras Agroecológicas do Piemonte da Diamantina

JMC -Jacobina Mineração Comércio

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E MAPAS

Figura 01 — Delimitação dos bairros de Jacobina.....	15
Figura 02 — Entrada Bairro da Bananeira, que mas é claro pista, era de areia	17
Figura 03 — Organizações negras contra o regime de escravização	21
Figura 04 — Juscelino Kubitschek, cortando faixa de inauguração de obra.1957.....	33
Figura 05 — Foto da entrada do Bairro da Bananeira, se desenvolvendo.....	35
Figura 06 — Comunidades remanescentes de quilombos por município.....	39
Figura 07 — Comunidades Quilombolas do Território do Piemonte da Diamantina.....	40
Figura 08 — Comemoração do dia 20 de novembro no quilombo Urbano da Bananeira..	48
Figura 09 — Indicações, requerimentos e projetos Quilombolas - CMJ Câmara Municipal de Jacobina-BA	60

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Metodologia.....	26
Capítulo 1 –Formação socioespacial do território quilombola da Bananeira.....	31
1.1 – Os negros em Jacobina.....	34
1.2 – Como se formou forma a Bananeira.....	36
1.3 – A Afirmação de identidade quilombola na Bananeira.....	38
1.2.1 As Comunidades Quilombolas no território do Piemonte de da Diamantina.....	39
Capítulo 2-O conhecimento que desconheço: aprendendo sobre as manifestações culturais do quilombo da Bananeira	41
2.1- As manifestações.....	43
2.2 – A final o que é dança afro brasileir.....	46
2.3 – Um resgate histórico sobre os ternos de reis.....	49
2.4 – De geração para geração o terreiro ainda existe no quilombo da Bananeira.....	52
Capítulo 3-Invisibilização das manifestações: entre o descaso e a resistência.....	54
3.1– Resistência e motivação.....	56
Considerações Finais.....	62
Referências.....	64
Apêndice.....	68
Anexo	70

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre as manifestações culturais do Quilombo Urbano da Bananeira, localizado no município de Jacobina, na Bahia. A partir dessa discussão, podemos ressaltar que a valorização da história e da memória afro-brasileira a partir do marco da Constituição Federal de 1988 transformou significativamente a maneira como as comunidades negras rurais, descendentes de antigos escravizados, ou afrodescendentes de uma maneira geral, passaram a lidar com sua identidade. Ao longo do trabalho são trazidas questões norteadoras, que permitem valorizar e compreender como se dão manifestações culturais que ocorrem no Quilombo Urbano da Bananeira. É sabido que historicamente as manifestações culturais das comunidades quilombolas, não são valorizadas, sem falar que há um preconceito das pessoas que não sabem que as culturas têm um legado de resistência e é uma forma de se expressarem. Como objetivo desta pesquisa destacamos a necessidade de apontarmos a situação das manifestações culturais, entre o descaso e a resistência do quilombo da bananeira, além de ratificar o papel delas no seu sentido geográfico. Diante deste contexto, essa pesquisa busca discutir as manifestações culturais: A dança afro-brasileira, as festas terno de reis, e além de contextualizamos sobre o terreiro quilombola da Bananeira.

Palavras-Chave: Quilombo urbano. Quilombo da Bananeira. Manifestações Culturais.

ABSTRACT

This work presents a research about the culture manifests from the quilombo of bananeira, located in the município of Jacobina, Bahia. Based on this discussion, we can emphasize that the valorization of Afro-Brazilian history and memory from the landmark of the Federal Constitution of 1988 was transformed significantly the way in which rural black communities, descendants of former enslaved people, or Afro-descendants in general, passed to deal with their identity. Throughout the work, guiding questions are brought up, which allow us to value and understand how cultural manifestations occur in the Quilombo of Bananeira. It is known that historically the cultural manifestations of quilombola communities are not valued, it is not to mention there is prejudice from people who do not know that cultures have a legacy of resistance and it is a way of expressing themselves. As the objective of this research, we highlight the necessity to point out the situation of cultural manifestations, between the neglect and resistance from the Quilombo of Bananeira, in addition to confirming their role in its geographical sense. Faced on this context, this research seeks to discuss cultural manifestations: The Afro-Brazilian dance, the parties kings suit, and in addition to contextualizing the quilombola *terreiro* from Bananeira.

Keywords: Urban Quilombo. Quilombo of the bananeira. Cultural manifestations

Introdução

A realidade em que vivemos é bastante complexa e dinâmica por conta das intensas transformações derivadas do processo de globalização e seus efeitos no mundo contemporâneo. É notório que, historicamente, já há um debate sobre o conceito de como fazer pesquisas acadêmicas antes e pós COVID19, ou seja, um divisor de águas nos quesitos dos métodos para se fazer um trabalho acadêmico. Diante do contexto atual, onde o mundo todo se encontrou tomado pela situação emergencial provocada pela pandemia da COVID-19 e o consequente isolamento físico, é necessário que as pesquisas acadêmicas, ocorra de forma remota. Essa condição se deu tendo em vista a preocupação com os colaboradores da pesquisa, por serem pessoas mais idosas.

Acredito que a maior dificuldade enfrentada durante a produção deste trabalho foi marcar as entrevistas. Por alguns entrevistados não usarem os recursos tecnológicos, as fontes só tinham tempo disponível para me receber aos finais de semana, mas em alguns não foi possível. Não senti que faltou vontade da parte deles, mas sim falta de tempo. Todas as vezes que fui recebida foi com muito afeto.

Os caminhos que nos levam a escolher um tema de pesquisa podem ser de natureza diversa, mas, muitas vezes, não sabemos precisamente qual foi a motivação que nos conduziu à escolha de uma temática. Creio que esse foi o meu caso ao pensar sobre as comunidades tradicionais, principalmente sobre as manifestações culturais.

É importante aqui expor sobre minha inserção na comunidade uma vez que, desde o início do ano de 2019, estou em contato com a comunidade a partir do desenvolvimento do projeto de extensão intitulado “Cartografia Social: Aproximação a saberes e vivências cartográficas no quilombo urbano de Bananeira no município de Jacobina-Ba”, este projeto foi de fundamental importância para a aproximação, e apreensão da realidade, assim como despertar deste projeto de pesquisa no Quilombo urbano da Bananeira.

Antes mesmo de me dispor como bolsista deste projeto de extensão, minhas experiências na associação comunitária de agricultores, já me possibilitou participar de encontros com as lideranças das associações da comunidade da bananeira, esses encontros eram realizados com propostas de discussão e engajamento entre representantes na perspectiva de organização e fortalecimento comunitários.

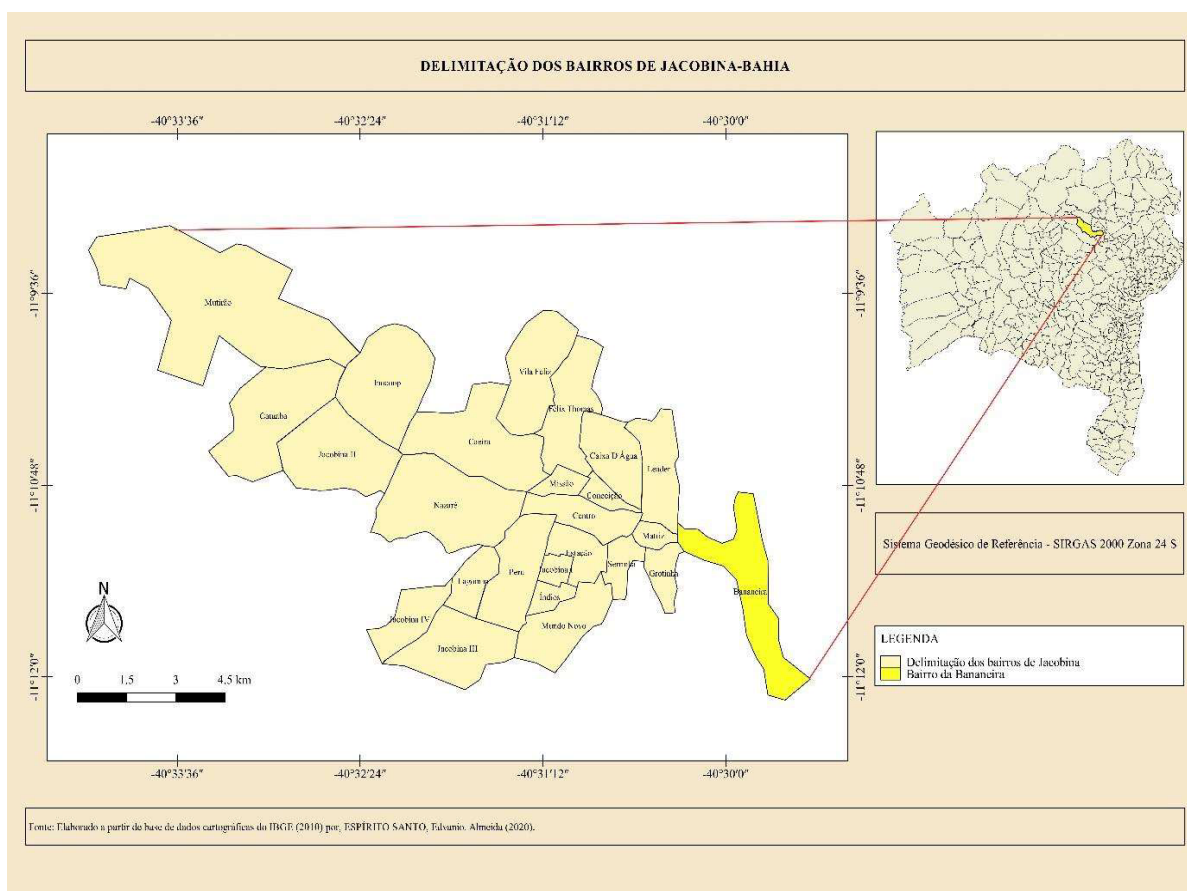
Ao longo do desenvolvimento do projeto citado anteriormente foi estabelecido vínculos, relações com os moradores da comunidade, despertando sensibilização, assim como me possibilitou vivências únicas de muito aprendizado, me enriquecendo de descobertas incríveis

do Quilombo urbano da Bananeira. Esses encontros, a vivência e a experiência no quilombo neste percurso me despertou para a construção do projeto do qual resulta essa pesquisa.

A importância dessa pesquisa se dá pela necessidade de valorização das comunidades tradicionais, sejam elas indígenas e quilombolas, já que essas sofreram repressão durante muito tempo de suas identidades e culturas, em contraponto da valorização da cultura europeia no Brasil. Esse quadro só foi alterado legalmente a partir da constituição de 1988 quando se passou a definir esses povos como pessoas de direitos garantidos na constituição importantes de nossa cultura valendo assim a relevância deste trabalho.

Neste sentido busco apresentar as manifestações culturais da comunidade quilombola Urbana da Bananeira, que fica localizada no território do Piemonte da Diamantina, precisamente na cidade de Jacobina.

Figura mapa 01 –Delimitação dos Bairros de Jacobina-Bahia



Situada na Bahia, extremo norte da Chapada Diamantina, a cerca de 330 km da Salvador, Jacobina está contornada por Serras, grutas, rios e cachoeiras, destacando-se, ainda, do ponto de vista cultural, com manifestações tradicionais e artísticas Sua história está

diretamente ligada à atividade mineradora, que gerou processos migratórios para a região e lhe rendeu o codinome “Cidade do Ouro”.

Dentre os bairros mais antigos do município, está a Bananeira, que se desenvolveu longe do núcleo dos senhorios. Jornais históricos como O Lidador¹, referiam-se ao lugar, na década de 1930, como “o distante sítio da Bananeira”, onde atualmente ainda é possível avistar copas das plantas que dão vida ao seu nome, mesclando o cenário urbano com o rural.

O Quilombo Urbano da Bananeira é cercado por lindas Serras, um dos lugares mais belo do entorno da comunidade, de longe é possível avistar uma das mais imponentes obras da natureza com o seu cume mais alto de Jacobina, o Pico do Jaraguá, o qual dá a impressão de ser um “guardião da cidade”, imponente e belo pela sua altitude. Com seus quase 1000 m de altitude, o Pico do Jaraguá é um dos picos mais altos da região de Jacobina. Devido a sua localização e a subida relativamente fácil, o Pico é bem frequentado pelos aventureiros, em seu topo é possível ter uma vista bela e panorâmica da cidade de Jacobina, além disso, avista-se o Tombador, parte da barragem de rejeito da mineração (Yamana Gold – Jacobina Mineração Comércio JMC), diversos bairros como Bananeira, parte da Caixa d'água, e Vila Feliz, o pico recebeu este nome devido a uma pedra que tem o formato de uma Jaragua².

Acredito que a resposta objetiva e precisa eu não tenha consigo, pois há infinitudes de caminhos que permitem compreender as formas de um povo expressar sua cultura, principalmente quando falamos de comunidades quilombolas. No caso da comunidade, há um vasto leque de manifestações culturais presentes. Os quilombos podem, então, ser compreendidos como projetos políticos e coletivos de liberdade, espaços onde foram recriadas sociedades relativamente autônomas e com marcante presença em tradições africanas incluindo as manifestações culturais. É importante ter em vista que a valorização da herança dos afro-brasileiros para a identidade nacional e a positivação das comunidades de quilombos é um processo político recente. Sobre o fenômeno da emergência dos grupos étnicos, o antropólogo Fredrik Barth (1969), denominou como o surgimento das “novas etnias”, a convergência dos grupos sociais marginalizados a investirem numa identidade cultural com vistas a obter seus direitos.

¹ O Lidador foi um jornal informativo de não mais em circulação. O jornal O Lidador foi um ardoroso divulgador das ideias de progresso na cidade durante a década de 1930. Em um dos seus diversos artigos sobre o tema aponta que a cidade vivia naqueles anos a “[...] sua fase de realizações”. Cf. exemplar nº 38, de 25 de maio de 1934, p. 1 (Jacobina progredindo).

² Palavra indígena para animais da mesma espécie do jacaré.

E sobre as comunidades remanescentes de quilombos, vários conceitos lhes foram atribuídos como: “terras de preto” ou “território negro”, desde a fuga para o mato, territórios de difícil acesso, dentre outras denominações que lhes foram dadas. Portanto, ocorreu esse fenômeno quilombo em decorrência do compartilhamento de uma identidade e território de forma coletiva, assim exposto por vários autores (SCHMITT, TURATTI e CARVALHO, 2002, p. 3)

Neste sentido é possível observar na foto do arquivo de Alex Sandro Ribeiro Félix, onde hoje está a localização do quilombo Urbano da Bananeira. Desse modo, para nos situarmos espacialmente, e com isso ampliar o nosso olhar sobre o assunto, podemos observar que a comunidade quilombola, está entre um vale de Serra no território do Piemonte da Diamantina.

Figura 02 Entrada do Bairro da Bananeira,



Foto arquivo particular de Alex Sandro Ribeiro Félix, Percebe-se na foto tirada da entrada do Bairro da Bananeira, mas é claro pista, era de areia.

No quilombo urbano da Bananeira temos a instituição de uma associação cultural do Quilombo Erê Bananeira a qual tem como enfoque o desenvolvimento de vários projetos sociais que fomentam as manifestações culturais, como aulas de capoeira, de zumba, dança afro, corte e costura, e além de um bloco afro que sempre participa das micaretas de Jacobina-Bahia assim

como participa e desenvolve outras manifestações culturais em outros espaços, como escolas os quais são convidados e principalmente durante a comemoração do dia 20 de novembro³.

Há no bairro uma escola municipal que ainda não está reconhecida como escola, quilombola, do Território do Piemonte da Diamantina a Escola Municipal Carlos Gomes. Há também outros locais importantes como a Casa de Repouso, um local que tem como filosofia o tratamento com produtos naturais alternativos, existem também espaços de convivência como a Fazendinha onde recebem crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, há também um ponto turístico pontilhão da Bananeira um local conhecido como cartão-postal do bairro. No bairro tem um posto de saúde, unidade de saúde da família que atende os moradores e as adjacências do perímetro do posto.

O objetivo geral desta pesquisa é evidenciar as manifestações culturais da comunidade quilombola urbana da Bananeira. E os objetivos específicos são: (1) identificar quais são as manifestações culturais do quilombo da Bananeira e qual sua dinâmica no território; (2) analisar as características sociais e econômicas da comunidade do quilombo urbano da Bananeira; (3) compreender a construção da identidade quilombola a partir das manifestações culturais realizadas no bairro.

O presente estudo se justifica pela importância de escrever sobre o tema, pois as manifestações culturais quilombolas foram e continuam sendo suprimidas na história do Brasil devido a colonialidade ainda presente no século XXI. Acredito ser de extrema importância escrever sobre os quilombos, possibilitando a valorização cultural necessária para alcançarmos a equidade necessária para a valorização cultural dos povos tradicionais que foram durante muito tempo suprimidos pelo racismo de base colonial.

Comprometido com a produção científica e os caminhos das entrelinhas do fazer pesquisa, Silva aponta (2020, p.15).

[...] a potência científica, o desenvolvimento humano, a liberdade, na produção do conhecimento, passa pela explicitação e pela centralidade do corpo e da cultura. E também pela busca de emancipação humana, política e social, o que significa dizer uma produção do conhecimento comprometida com uma vida digna e justa.

A pesquisa transpassa o conhecimento intelectual e remete o crescimento pessoal, o entendimento e respeito com as vivências elencadas na pesquisa, de maneira que a pesquisa

³ O **Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra**, celebrado em **20 de novembro**, foi instituído oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. A data faz referência à morte de **Zumbi**, o então líder do Quilombo dos Palmares – situado entre os estados de Alagoas e Pernambuco, na Região Nordeste do Brasil

contribui significativamente na relação pesquisa-pesquisador, enquanto sujeito passível de transformações, de rompimento de barreiras para a transformação do seu corpo e a forma de se colocar no mundo.

Partindo do pressuposto manifestações culturais em comunidade quilombola identifico a necessidade de visibilização, valorização das práticas dessas comunidades, assim como das manifestações culturais, pois durante muitos anos os quilombos foram tidos como inexistentes, sendo sua formação considerada ilegal, refletidos atualmente nos preconceitos sofridos a comunidade do bairro tido como periférico.

Sabemos que a desvalorização da cultura afro-brasileira em nossa sociedade vem desde períodos coloniais, a cultura negra sempre foi excluído e marginalizado as formas de ser e de saber, assim como é negado o direito a diferença. É importante pontuar que mesmo com o uso de mecanismo de desqualificação da cultura afrobrasileira, os escravizados no Brasil resistiram e seus descendentes ainda hoje promovem a resistência, a raiz africana permanece solidificada em várias manifestações culturais e religiosas do povo brasileiro.

Joyce Rodrigues (2015), afirma que a Constituição Federal de 1988 foi a primeira lei a assegurar o direito à terra para as populações quilombolas (Artigo 68), bem como a estabelecer dispositivos de defesa e valorização do patrimônio cultural das populações negras afro-brasileiras e indígenas (Artigos 215 e 216). Nessa direção, a Carta Magna de 1988 contribuiu, de forma significativa, “para a construção das normas de combate à discriminação de forma ampla

No entanto os quilombos enquanto instituição de direito só foi reconhecido a partir da constituição de 1988 como citados anteriormente, neste sentido quilombo pré-1988 ligado às origens africanas de reunião fraterna e livre e convivência e aquele que adquiriu depois da Constiuição ligado ao movimento de luta e direito pela terra. Isso é importante para ir além do imaginário social contemporâneo e, ao mesmo tempo, atualizar o sentido de quilombo.

Sabemos que durante três séculos e meio, XVII e XIX o Brasil vivenciou uma economia, sustentada pela mão de obra escravizada. A história da população negra no Brasil é uma história de luta, de resistência, de batalhas, de conflitos, desde a inserção forçada deste grupo étnico racial no país até os dias atuais. Fica em evidência que na história no Brasil, as comunidades quilombolas, foram outorgadas pela administração do período colonial, por suas reivindicações, pela resistência dos escravos ao sistema escravocrata.

Os negros que aqui chegaram foram retirados da sua terra natal a força, vieram para trabalhar nas terras brasileiras em condições de escravismo, eles trabalhavam em grandes fazendas, garimpos, engenhos. Porém os escravizados se organizavam de diversas formas, construindo

resistências contra o regime ao qual estavam submetidos, almejando sua liberdade mesmo em forma de perigosas fugas que podiam custar suas próprias vidas. Diante disso é importante ratificar a contribuição de Nascimento (1980) acerca do conceito de quilombo.

Quilombo não significa escravo fugitivo. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sociopolítico em termos de igualitarismo econômico (NASCIMENTO, 1980, p.263 apud. RATTI, 2000, p.315).

Sendo assim os quilombos são grupos formados predominantemente por negros, constituído por população rural ou urbana que se auto afirmam, a relação específica com a terra tem sua origem e característica que reafirmam com suas culturas suas tradições, ancestralidade e rituais específicos das suas práticas culturais. Nos quilombos eles tinham a liberdade de poder manifestar suas culturas através da dança, a capoeira dentre outras como os reisados.

O quilombo foi a forma de resistência negra a escravidão que buscavam sua liberdade, não só agiam contra a escravização, mas também à discriminação racial e ao preconceito. As manifestações típicas da insubordinação negra foi o que se convencionou chamar de quilombo. Sendo essa uma forma de sobrevivência e luta contra escravidão.

Kabengele Munanga (1996, p.63) ressalta que para compreender o sentido da formação dos quilombos no Brasil é necessário conhecer a história das religiões africanas dominadas pelo povo banto, haja vista que:

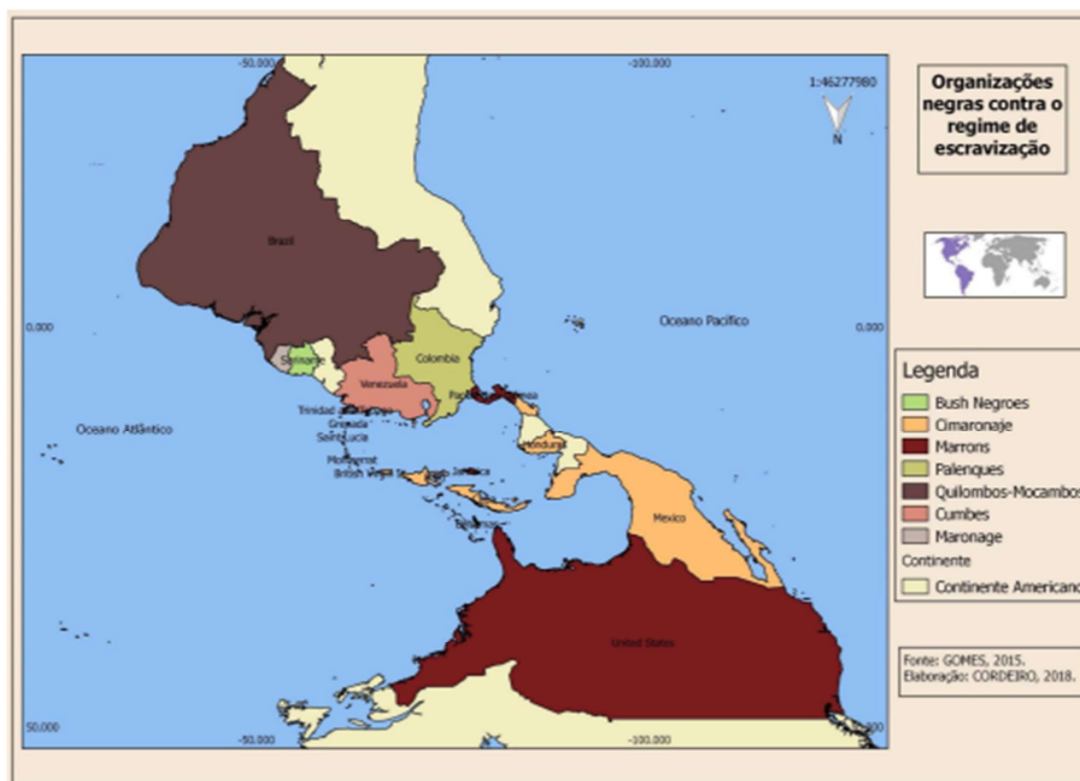
[...] o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados, para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não povoados geralmente de difícil acesso. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos) prefigurando um modelo de democracia plurirracial [...] (MUNANGA, 1996, p. 63.)

Dessa forma temos a origem do termo quilombo. Seguindo esse mesmo conceito e abordando uma perspectiva mais atual acerca dos quilombos contemporâneos apontamos Glória Moura, que apresenta o quilombo “como comunidades negras rurais habitadas por descendentes de escravos”, ou seja, são comunidades que mantêm e valorizam as tradições de seus antepassados.

De acordo o seu novo dicionário banto, Nei Lopes Diz que o vocábulo quilombo tem origem na palavra kilombo, da língua quimbundo falada em Angola, e significa acampamento, arraial, povoação.

Como se pode perceber, o conceito busca interpretar o modo de agir da comunidade como quilombola e que logra manter na atualidade o que recebeu como legado social e cultural dos seus ancestrais.

Figura 03 Organização negras contra o regime de escravização



Fonte: CORDEIRO, Paula R. O de. *ESSA TERRA É PARA FILH@S E NET@S, NÃO VENDE E NÃO PODE TROCAR: A DISPUTA ENTRE O TERRITÓRIO TRADICIONAL QUILOMBOLA-PESQUEIRO DE RIO DOS MACACOS E O TERRITÓRIO MILITARIZADO DA MARINHA DO BRASIL*. 2018, p.54

De acordo com o mapa acima, podemos visualizar as várias formas de nomeação das organizações negras que foram formadas durante o regime da escravização, se no Brasil foram os quilombos, em outros lugares tiveram outras denominações como, *cumbes* na Venezuela ou *palenques* na Colômbia que se fizeram presentes nos territórios. Vale ressaltar que apesar das variações de cada território da América e suas especificidades cada um e todos ao mesmo tempo surgiu da resistência, inconformados com seus papéis de insubordinação e violação no sistema vigente da época

Sendo assim afirmo que as comunidades quilombolas sempre passaram por lutas para serem reconhecidas como comunidades quilombolas, fica claro que desde quando os escravos tiveram que fugir, pois ao se embaralharem nas matas, nas serras, dificultavam a entrada de

caçadores e militares que vinham capturá-los e privar sua liberdade outra vez e submetê-los a castigos. Conforme os autores:

Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. A fuga nem sempre levava à formação desses grupos, é importante lembrar. Ela podia ser individual ou até grupal, mas os escravos terminavam procurando se diluir no anonimato da massa escrava e de negros livres. [...] No Brasil esses grupos eram chamados principalmente quilombos e mocambos e seus membros, quilombolas, calhambolas ou mocambeiros. (REIS; SILVA, 1996. p. 9 e p.10)

Nos quilombos, muitas vezes, viviam além de escravos fugitivos, indígenas, brancos, mestiços de várias estirpes; geralmente, organizados coletivamente, sobreviviam da agricultura, da pecuária, da caça, da pesca, além do artesanato e de um comércio a base de trocas.

Com o passar do tempo, essa parcela da população criou resistência, através de movimentos de luta pela garantia de seus direitos tanto antes quanto após a abolição da escravatura, que ocorreu apenas em 1888, vista que esta não gerou a sua efetiva inserção na sociedade brasileira mesmo por motivos que muitos negros ainda continuaram em situações análogos a escravos, mesmo a sociedade não garantiu nenhum aparato de humanidade para com os ex-escravos constituírem suas vidas, essa impossibilidade conduziu os negros a continuar na casa dos seus donos tendo submissão a condições desumanas.

A Constituição Federal de 1988 se torna um marco legal para as comunidades quilombolas, visto que à medida que as promove a sujeitos de direitos, também assume uma nova perspectiva sobre o processo de aquilombamento. Assim, nota-se o rompimento com o caráter coercitivo e punitivo do Estado presente nas legislações coloniais, reconhecendo-o agora, como o responsável por promover e garantir os direitos destes grupamentos sociais. Além disso, o texto normativo se consolida como uma nova proposta para se repensar as relações promovidas entre as comunidades quilombolas, o Estado e a sociedade como um todo (SOUZA, 2008).

Sendo assim, a Constituição Federal de 1988 retrata “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos.” (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, em 1988, foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil, que pela primeira vez, contemplaram direitos e garantias visando à proteção dos negros, como consequência, sobretudo, das várias ações realizadas pelo Movimento Negro, inaugurando, assim, uma nova época de reflexão acerca dos direitos humanos. Percebe-se que

a Constituição Federal de 1988, nos diz que todos os quilombolas têm o direito às terras ocupadas, porém fica evidente que até os dias atuais esse direito é negado.

O conceito de quilombo passou por rediscussão, especialmente depois que os movimentos negros (no ano do centenário da abolição da escravatura) conseguiram incluir na Constituição Brasileira de 1988, o Artigo N° 68, que assegura que os territórios das comunidades tradicionais devem ser reconhecidos e titulados de acordo com legislação, onde o Estado tem a obrigação de emitir os títulos respectivos.

A partir dessa discussão, podemos ressaltar que a valorização da história e memória afro-brasileira a partir do marco da Constituição Federal de 1988 transformou significativamente a maneira como as comunidades negras rurais, descendentes de antigos escravizados, ou afrodescendentes de uma maneira geral, passaram a lidar com sua identidade.

Desde os anos 1980, o quilombo aparece como um movimento por direitos, principalmente a terra e por cidadania plena, numa sociedade altamente discriminatória e excludente para a população negra. Esta demanda foi concebida como forma de compensação ou reparação à opressão histórica por eles sofrida, ou seja, o Estado e a sociedade brasileira tem uma dívida histórica para com os descendentes dos africanos escravizados. Contudo, há um longo caminho a ser trilhado desde a criação de uma legislação estabelecendo direitos à demarcação de territórios e outros para as comunidades quilombolas, até a efetivação destes direitos.

Souza (2008) afirma que a Constituição de 1988 representa um divisor de águas ao incorporar em seu conteúdo o reconhecimento de que o Brasil é um Estado pluriétnico, de que há outras percepções e usos da terra, para além da lógica de terra privada e o direito à manutenção da cultura e dos costumes dos povos aqui viventes. É, inclusive, a relação desses povos com as terras ocupadas, nas quais há a difusão de sua cultura, seus modos de criar, fazer e viver, critério hábil para definir como quilombola.

Segundo Carlos Ari Sundfeld (2002) sendo assim assevero que as culturas herdadas pelos negros quilombolas principalmente no que se fala sobre as danças, as comidas, religiões, musicalidades, capoeira, entre outras formas de se manifestar sua cultura.

A Constituição Federal passou a reconhecer a importância e a legitimidade dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira para a cultura do país, responsabilizando o Estado em garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e a proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras. No campo do patrimônio cultural, os valores de reconhecimento de bens culturais passaram a considerar referências culturais, ligadas à identidade, à ação e à memória desses grupos.

A noção de unidade nacional foi revista na Constituição, dando lugar à valorização da pluralidade cultural. A preocupação com o “autenticamente nacional” se transformou no sentido de não mais silenciar a contribuição “de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (CF Art. 215.), mas de incorporar suas contribuições na formação de uma sociedade brasileira plural.

Diante da diversidade das manifestações culturais acredito que esse trabalho possui relevância no aspecto de contribuir para evidenciar e valorizar a identidade quilombola, na tentativa de desconstruir as estigmatizações que foram construídas ao longo de muitos séculos e que estão presentes nos dias atuais.

O batuque chegou ao Brasil por meio dos africanos e constituiu-se em danças, cantos e toques de instrumentos, sendo o tambor o instrumento mestre. Sabe-se que o batuque, como outras manifestações de matriz africana, foi suprimido em sucessivos momentos no Brasil.

Deste modo, o batuque simboliza a alegria e a resistência presentes nas memórias, mas também é uma forma de dizerem quem são e o que desejam. É neste sentido que os quilombolas descrevem o batuque como de suma importância para empregar alegria perante aos infortúnios que viveram. O batuque configura-se como um mecanismo para esquecer a tristeza e as opressões e estimular o riso e a festividade.

No entanto o batuque⁴ nas comunidades quilombolas é muito amplo, pois cada comunidade tem seu ritmos e instrumentos que caracterizam as formas de se manifestar através das músicas e dos cânticos religiosos que expressam as suas alegrias e suas crenças.

Desse modo percebemos as múltiplas formas de se manifestar dos quilombolas. É por meio dessas manifestações que os quilombolas se auto afirmam valorizando suas culturas. Assim, posso afirmar que muitas comunidades são reconhecidas principalmente pelas suas tradições e pelas formas de expressar culturalmente, produzindo empoderamento cultural como formas de auto afirmação.

A cultura é percebida, portanto, como um sistema de códigos que comunicam o sentido das regras a fim de orientar as relações sociais (FURTADO; PEDROZA; ALVEZ, 2014). É importante ter em vista que a valorização da herança dos negros para a identidade é de suma importância tanto para os negros como para a sociedade, pois a cultura quilombola, enquanto esfera social, permite aos indivíduos expressarem seus valores e princípios bem como vincularem-se de forma simbólica e afetiva ao grupo.

⁴ a palavra “Batuque” se originou da palavra “Batukajé”, um termo Bantu, numa referência ao bater dos tambores típico das cerimônias da religião.

A cultura de um povo, de modo geral, representa o seu modo de vida e sua visão de mundo, essa visão de mundo passa por um processo de comunicação entre pessoas e grupos, que transmitem por várias gerações seus valores, princípios e suas crenças. Cultura é, portanto, um processo de transmissão de saberes, de comunicação de valores e referências próprias a cada tempo (SCHMIDT; OLIVEIRA, 2016). Percebemos que a cultura de um povo tradicional expressa suas raízes hereditárias e além de orientar as suas histórias.

Conforme dito anteriormente que a cultura de um povo tradicional é uma das maneiras de se auto afirmarem sua história. Sendo assim para falar em cultura McGarry (1999, p.62) indica:

[...] uma forma prática de designar o modo de vida dos grupos humanos e todas as atividades que este modo de vida implica. Assim, a cultura incluiria crenças, habilidades, artes, moral, costumes, e qualquer outra aptidão física ou intelectual adquirida por seres humanos como membros da sociedade. (MCGARRY, 1999, p.62).

Diante do exposto, posso afirmar que a cultura pode ser compreendida de várias formas e que pode ser expressa por diversos grupos distintos e que é necessário compreender que a cultura é transversal. Conforme ressalta Santos (2003, p.8).

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido às suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas. (SANTOS, 2003, p.8).

As manifestações culturais da comunidade quilombola urbana da Bananeira são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Pensar a Geografia a partir de referenciais das ciências humanas traz necessariamente a discussão do conceito de cultura. A cultura é um legado para o povo e como tal deve ter seu valor reconhecido e respeitado na sociedade sendo assim ressalta A. L. Kroeber & C. Kluckhohn (1952).

A cultura consiste em padrões, explícitos e implícitos, de comportamento e para comportamento, adquiridos e transmitidos por símbolos, que constituem as realizações distintivas dos grupos humanos, inclusive suas incorporações em artefatos; o núcleo essencial da cultura consiste nas idéias tradicionais (isto é, recebidas e selecionadas historicamente) e especialmente nos valores que se lhes atribuem; por outro lado, os sistemas de cultura podem ser considerados como produtos de ação e também como elementos condicionantes da ação futura..(1997, p. 43-45)

Podemos dizer que a cultura é composta por um conjunto de regras, normas e valores que estabelecem padrões de comportamento. É importante esclarecer que apesar de não haver um único conceito de cultura, todos os estudiosos sabem o que é cultura, e sabem como se utilizar desse instrumento de análise do homem e da sociedade, mesmo que haja divergências no modo de defini-la.

Sabe-se que no Brasil, há uma mistura de povos, de culturas, que vieram para este país seja por obrigação ou por vontade própria, sendo uma das principais características da sociedade brasileira. A cultura africana trouxe consigo vários elementos significativos para o povo brasileiro, como as danças, as músicas, religiosidade, capoeira, samba de roda, reisado, festa de reis dentre outros que possuem grande significado para as tradições e saberes dos povos tradicionais.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa perpassa entre idas e vindas, vivências e experiências possibilitadas no quilombo urbano da Bananeira, aproveito para aqui agradecer a receptividade com a qual fui recebido e tratado, a alegria, o entusiasmo foi me lançado como energético para o desenvolvimento desta pesquisa.

A pesquisa tem como enfoque qualitativo que segundo Teixeira (2006) a pesquisa qualitativa tem como primazia a aproximação do pesquisador e pesquisados, buscando compreender e interpretar o fenômeno estudado, partindo da análise dos processos sociais.

Posteriormente realizei uma descrição de cunho qualitativo que se enquadra como mais adequado dos métodos para se atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, adotando-se como instrumentos de estudo de referências, entrevistas e observações.

Para desenvolver essa pesquisa, o método dialético, como instrumento, constitui um realismo radical: "A realidade é interpretada, não mediante a redução a algo diverso de si mesma, mas explicando-a com base na própria realidade, mediante o desenvolvimento e a ilustração das suas fases, dos momentos de seu movimento." (Kosik, 1989, p. 29). Em suma, considera-se que o método dialético é a ciência das leis mais gerais do movimento e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento, a ciência da ligação universal de todos os fenômenos que existem no mundo. Com essa ideia, o método dialético se opõe à metafísica. Nesse sentido.

O materialismo dialético e a dialética estão indissociavelmente ligados, formam um todo orgânico: o materialismo dialético. A filosofia marxista-leninista estuda as leis gerais que regem todas as esferas da realidade: a natureza, a sociedade, o pensamento. A filosofia marxista é a ciência das leis mais gerais do desenvolvimento da natureza,

da sociedade e do pensamento, dos métodos a empregar para conhecer o mundo e o transformar pela via revolucionária (KRAPÍVINE 1986, p. 54).

Penso que a dialética segue sendo, não apenas para o caso exemplificado, mas para o trato científico em geral o caminho que melhor permite a compreensão de uma realidade dinâmica

Segundo Engels (In: Politzer, 1979:202), “para a dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas e, para ela, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório”. Nada é sagrado significa que nada é imutável, que nada escapa ao movimento, à mudança. Devir expressa que tudo tem uma “história

A metodologia tem como objetivo buscar os elementos que compreendam a existência dos fenômenos, das manifestações culturais da comunidade quilombola urbana relações sócio-espaciais, assim como, a partir da prática exercida na abordagem da realidade defender o objeto pesquisado. Como objetivo desta pesquisa destacamos a necessidade de apontarmos a situação das manifestações culturais, entre descaso e resistência do quilombo da Bananeira. E além de ratificar o papel delas no sentido geográfico do quilombo urbano da Bananeira? Evidentemente manifestações serão identificadas ao longo das entrevistas que posteriormente irei realizar a uma tabela com os nomes das manifestações dos festejos da comunidade que me utilizarei na escrita.

O percurso escolhido para essa análise das manifestações culturais levará em conta uma breve contextualização sobre como, Quilombo da urbano Bananeira, tem suas manifestações culturais. E como a cultura deste Quilombo Urbano tão rica culturalmente é expressada, pelos seus moradores de certo as formas de evidenciar suas manifestações tradicionais há o período como diferentes datas comemorativas. Evidentemente que as festa religiosa tem suas datas específicas bem como alguns eventos comemorativos da comunidade com o tradicional arraiá quilombola, a festa de padroeiro da comunidade São José Operário, comemoração do dia 20 de novembro entre outros festejos do Quilombo da Bananeira

Diante desse contexto esta pesquisa buscará discutir as manifestações culturais religiosas, capoeira, samba de roda, reisado, festa de reis, as danças típicas quilombolas, além de apontar e discutir sua espacialidade de manifestar tendo como maior foco para a dança afro-brasileira.

Para contextualizar, a pesquisa se inicia a partir do despertar, antes mesmo de me colocar enquanto pesquisador, enquanto monitor do projeto de extensão da construção da cartografia social do bairro, me aproximando da comunidade.

Colocando-me em situação de pesquisa me utilizei de metodologias, como revisão bibliográfica, trabalho de campo, pesquisa documental em atas, jornais, teses, dissertações, monografias, artigos sobre as mais variadas temáticas que transversais que se alinhasse à temática.

Foram realizadas inúmeras pesquisas de campo em diversos momentos em que foram possíveis várias vivências de participação, constituindo assim pesquisa participante. Nos trabalhos de campo realizei entrevistas semiestruturadas que foram gravadas com a prévia autorização, com as perguntas previamente estabelecidas, no entanto as entrevistas não ficaram presas às perguntas pré-estabelecidas, sendo abordada diversos outros aspectos que foram surgindo durante a fala dos participantes da pesquisa. Logo após os trabalhos de campo em que foram realizadas entrevistas, foram realizadas transcrições das falas dos participantes.

Foi realizada observação na qual utilizei de ferramentas metodológicas como, caderno de campo, lápis, caneta, câmera fotográfica, olhar geográfico sobre a realidade permitindo a experiências juntos aos pares. Dentre os momentos de vivência e participação ressalto a culminância de um projeto de exposição do resultado da construção de um documentário sobre a Bananeira no dia 20 de novembro de 2019.

Dentro do trabalho de campo, destaco os grandes momentos de conversação que pude experienciar com as pessoas mais velhas do quilombo, apreendendo as histórias do bairro, sobre os marcos temporais e espaciais que se passaram ao longo do quilombo urbano da Bananeira dentro da vivência de cada um.

Foram realizadas oficinas nos demais espaços socioeducativos do quilombo, as oficinas foram fundamentais para compreender a geograficidade dos alunos dos demais espaços em relação a vivência no quilombo e fora dele, sendo de fundamental relevância para a construção do mapa da cartografia social do quilombo urbano.

Após essa introdução e com finalidade a cumprir o objetivo destacado, o trabalho está organizado em introdução, três capítulos: O primeiro capítulo intitulado Culturas no território quilombola da Bananeira. O segundo O conhecimento que desconheço: aprendendo sobre manifestações culturais no quilombo. A terceira Invisibilização das manifestações: entre o descaso e a resistência. E por fim as conclusões, seguidas das referências.

No primeiro capítulo busco evidenciar como se dão as manifestações culturais no quilombo urbano da Bananeira, assim como apresentar o marco temporal do bairro e sua formação socioespacial e suas implicações. Vamos discutir sobre os negros em Jacobina e as afirmações de identidade quilombola na comunidade da Bananeira. E além de uma breve contextualização histórica do bairro e da cidade, é necessário evidenciar a formação da

comunidade, e principalmente os acontecimentos históricos importantes no quilombo urbano da Bananeira.

Assim posto, essa estruturação visa um melhor entendimento das manifestações culturais do quilombo em estudo.

No segundo capítulo discuto as principais manifestações culturais realizadas nos dias atuais no quilombo e as raízes no espaço e tempo para a sua reprodução, assim como a territorialidade da cultura no quilombo urbano Bananeira e suas relações construídas por os sujeitos sociais no território, nomeado “O conhecimento que desconheço: aprendendo sobre as manifestações culturais do quilombo da Bananeira” no qual é evidenciado os elementos que compõem e correspondem as riquezas históricas das manifestações culturais do quilombo, bem como o conceito e a importância da valorização da mesma.

Esse estudo desperta noções para uma maior percepção de mundo através da conexão de conhecimentos. Como subtópicos temos uma das manifestações mais expressivas do quilombo que é a dança afro-brasileira, buscamos descrever como a dança afro-brasileira pode ser utilizada no quilombo e como ela contribui para o reconhecimento da cultura afro no quilombo urbano da Bananeira.

Conforme Ferraz (2012), a dança afro-brasileira é uma linguagem artística que está aberta ao diálogo com dimensões rituais. Ressalta que nela podem ser “congregados fluxos energéticos, gestos narrativos, estruturas de significado, traços culturais inscritos no corpo, estados de entusiasmo, extrema excitação e, acima de tudo, trânsito entre as representações” (FERRAZ, 2012, p. 14). Vamos socializar, também, sobre as manifestações históricas da comunidade como as festas de ternos de reis, e além de contextualizarmos sobre o terreiro, de geração para geração o terreiro ainda existe no quilombo da Bananeira.

No terceiro capítulo aborda o processo de invisibilidade do quilombo no âmbito do município e o acesso às políticas públicas, bem como a resistência dos grupos na comunidade suas potencialidades e a construção da identidade quilombola nos demais espaços socioeducativos do quilombo. O terceiro capítulo, foi reservado para descrever a comunidade em questão, e a invisibilidade das manifestações culturais mais antigas como as formas religiosas de se expressarem, descrevendo os locais onde são praticados, e de que maneira acontecem as manifestações.

Segundo LARA (2000) o sistema básico de organização das festas, observadas em terreiros de candomblé, seguem a formação da roda com dança e toque; louvor aos orixás com canto dança e transe; uso de indumentária específica do orixá a ser homenageado na festa; êxtase e transe simultâneos por vários filhos e seus orixás; encerramento litúrgico; comes e

bebes. O ritmo dos atabaques dá início à celebração. O pai-de-santo entra dançando em sentido anti-horário e movimentando um adjá. Junto com ele estão as auxiliares de culto e seus filhos e filhas-de-santos por ordem de feitura no candomblé. (LARA, 2000, p.61) e por fim conclusão

É sabido que historicamente as manifestações culturais das comunidades quilombolas, não são valorizadas, sem falar que há um preconceito das pessoas que não sabem que as culturas têm um legado de resistência e é uma forma de se expressar as suas culturas hereditárias.

É imprescindível falar sobre quilombo nos dias atuais, bem como as suas formas de se expressarem por meio das culturas típicas de cada quilombo. É interessante, também, registrar que raríssimos estudos retratam as manifestações culturais das comunidades quilombolas.

Diante dos preconceitos deixados pelo processo de colonização, os preconceitos com as manifestações culturais de matriz africana, os quilombos sofrem com a sua cultura. Sabemos que as culturas e as manifestações culturais de origem afrodescendente são importantes. Para nós é um legado histórico e cultural do nosso país. É perceptível que algum descendente de africanos tem receios de manifestar suas culturas a comunidade em estudo, diante disso esse trabalho tem como objetivo evidenciar as manifestações culturais praticadas por essas comunidades buscando assim a valorização dos saberes culturais dos povos tradicionais.

Percebemos que os africanos trouxeram seu jeito único de dançar, com intensos movimentos de quadris, nos sambas de rodas e além do swing da capoeira que permite se expressar tanto com as músicas como uma forma de alta defesa. Lembrando, no entanto, que todas as culturas, de algum modo, na história e a seu tempo, são misturadas e, portanto, viveram variados processos de mundialização. Nessa compreensão, Paiva esclarece que é necessário deixar de pensar que existe origem exclusiva, pois:

Muito do que conhecemos e do que entendemos como referência de um passado, heranças culturais, que inclusive são evocadas para dar sustentação a certas identidades e às memórias, não tiveram uma única origem, mas, ao contrário, „nasceram“ ou foram „inventadas“, simultaneamente ou não, por diferentes povos, em diferentes tempos e espaços, às vezes com diferentes motivações e usos, outras vezes não (PAIVA, 2008, p. 14)

Os diferentes conhecimentos e crenças tornaram-se parte do mundo que, segundo Paiva, ao mesmo tempo em que ocorreram as trocas, as culturas se renovaram e se adaptaram, mas também se preservaram. É importante comentar que a cultura africana trouxe vários elementos significativos para o povo brasileiro, como a dança, a capoeira dentre outros. Isso se evidenciou mais a partir do momento em que o samba, o carnaval e a mulata passaram a ser ícones da identidade brasileira.

Capítulo 1 – Formação sócio espacial do Quilombo da Bananeira

Sabemos que o espaço é objeto de estudo da geografia o que perpassa os limites da sua mera descrição, tornando a inserção dessa categoria nos estudos geográficos como crucial para compreender e analisar os processos que o constituem. Para Santos (1988, p. 10), o espaço é “[...] um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento [...]”. A sociedade é assim reproduzida, incorporada à ideia de espaço como produto social.

Ainda na concepção de Santos (1977, p. 1), o conceito de formação espacial precisou ser reformulado. O interesse explícito de Milton Santos por essa categoria enquanto base para a formulação da proposta de formação sócio espacial, revela-se em meados da década de 1970, numa busca empreendida pelo autor a compreender o significado da dimensão espacial contido na formação sócio espacial e, assim, revelar a inseparabilidade das realidades e das noções de sociedade e de espaço inerentes à categoria da formação social e desenvolver uma reflexão original, visando conduzir a uma teoria do espaço, apoiada nos pressupostos da construção intelectual de uma outra categoria: de formação sócio espacial (SANTOS, 1979, p.19).

Com todos esses aspectos permite caracterizar a comunidade quilombola urbana do bairro da Bananeira. Não resta dúvida de que fatores econômicos e demográficos tiveram impacto sobre as formações de comunidades de fugitivos onde elas tenham existido. As estratégias dos quilombolas para manter sua autonomia podem estar combinadas a contextos geográficos e socioeconômicos diversos.

As organizações sociais, o modelo de produção, a agricultura familiar, a cultura, a religiosidade, a culinária e o modo de vida dos moradores trazem marcas da herança africana, fazendo da comunidade Quilombola Urbana da bananeira um lugar perfeito para conhecer melhor a história a partir das manifestações culturais, a participação dos povos africanos e da formação dos quilombos como espaço de refúgio e organização da população negra.

A percepção sobre o bairro também mudava, assim como outras inovações técnicas emergentes no mundo moderno, provocando mudanças no campo da percepção humana diante das coisas. A invenção da luz artificial alterava os sentidos, a exemplo do olhar sobre a comunidade e o bairro da bananeira. O quilombo urbano foi e é de suma importância para os

moradores, foi na comunidade que se instalou a primeira usina termelétrica do município, com a inauguração do ilustre presidente em exercício no período.

No dia 6 de outubro de 1957, por fim, foram postos para funcionar os novos motores e o terminal termoelétrico instalado pela Comissão do Vale do São Francisco, construído no bairro da Bananeira. O sonhado melhoramento era um empreendimento prometido como capaz de iluminar toda a cidade, sendo equipado por dois motores MAN, 300 H.P, vindos da Alemanha, comprados pela Comissão Vale do São Francisco (CSFV).

No entanto, inicialmente apenas um motor ficaria funcionando, uma vez que o funcionamento do outro dependia da reforma e ampliação da rede elétrica, questão que ainda custaria ser resolvida. A inauguração do novo terminal termoelétrico da cidade foi feita em 6 novembro de 1957, evento que contou com a presença do presidente da república, Juscelino Kubitschek. Segundo a reportagem do jornal Vanguarda acerca da visita presidencial, o presidente chegou de avião na cidade acompanhado de sua comitiva Vanguarda (09/10/1957. N°417.p.1).

Conforme era esperado, chegou a esta cidade às 12, 15 (sic) horas do dia 6 do corrente mês, num avião bimotor da FAB, o presidente Juscelino Kubitschek, acompanhado de numerosa comitiva constituída do galo. Nelson de Melo, chefe da Casa Militar da Presidência da República; do senador Neves da Rocha e dos deputados federais Tarcilo Vieira de Melo, Manuel Novais, Nita Costa, Raimundo Brito, José Guimarães, Carlos Faria de Albuquerque, do eng. Assis Scaffa, diretor-superintendente da Comissão do Vale do S. Francisco e de outras autoridades. O Dr. Juscelino Kubitschek e os membros da sua comitiva foram recepcionados no aeroporto pelas autoridades locais. João de Almeida Freitas, comandante da Sexta Região Militar; alm. Otávio Carneiro, comandante Naval da Leste; cel. Aviador Parreiras Horta, comandante da Base Aérea de Salvador; Dr. Osvaldo Rios, diretor da “Leste Brasileiro”; deputados estaduais e vários Prefeitos dessa região que aqui já se encontravam para os receber.

Diversas matérias do Jornal Vanguarda destacam o seu trabalho social, de acordo com os jornais da época Juscelino Kubitschek tinha sido bem votado em Jacobina nas eleições para presidente de 1955, recebendo 3251 votos, quantidade muito superior em relação aos demais candidatos, 366 e contando, portanto, de grande simpatia na urbe. A visita do presidente projetava, sobretudo, as realizações de modernização na cidade na gestão de Orlando Oliveira Pires, assumindo inclusive uma dimensão simbólica.

Evidentemente que a visita do presidente em exercício naquele período foi de suma importância para a cidade de Jacobina bem como para o bairro da Bananeira, que até os dias atuais é relembrado pela grandeza da obra que foi inaugurada no bairro.

Figura 04- Inauguração da obra da termoeletrica em Jacobina-Bahia.



O prefeito Orlando Oliveira Pires e o presidente Juscelino Kubitschek cortaram a faixa de inauguração da obra.1957. Foto: autor não identificado. Arquivo Memória Fotográfica de Jacobina (retirado da dissertação de Valter de Oliveira).

Observa-se que o desenvolvimento da comunidade não se restringe somente ao sentido econômico, ele é percebido por meio da territorialização vinculado a diversificação das formas de desenvolvimento. Aqui, novamente podemos contar com a contribuição de Milton Santos, que via no cotidiano das pessoas uma flexibilidade, uma adaptabilidade e um pragmatismo existencial que constituem a fonte de sua veracidade e riqueza, e que os movimentos organizados deveriam imitar (SANTOS, 2001). Em outras palavras, ir ao encontro do território é estar atento para os modos de organização, de articulação, de resistência e de sobrevivência que as pessoas que ocupam esses espaços vão inventando no seu cotidiano.

Novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo, a sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. [...] O ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência (CARNEIRO, 2013, p. 57).

As definições estabelecidas pelos estados são de caráter oficial, classificando os espaços em rural e urbano para fins estatísticos e administrativos, a exemplo do que faz o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), ao usar critérios tradicionais para tais definições discriminando-o a partir de determinado patamar populacional, mas também com base na predominância da

atividade agrícola e por fim, a delimitação político-administrativa a qual é mais visível no senso comum.

É possível perceber que a adoção de critérios político-administrativos no Brasil, segundo (Marques apud IBGE, 2015, p.97), considera urbana a sede dos municípios, e, portanto, definida como cidade, além de suas escalas que assumem definições como distrito, vila, povoado, dentre outras denominações.

O IBGE (2015) considera urbanizada toda área de vila ou de cidade, legalmente definida como urbana e caracterizada por uma infraestrutura tais como: construções, arruamentos e intensa ocupação humana, as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e reservadas à expansão urbana.

1.1 –Os negros em Jacobina

Evidentemente, o começo do século XVIII foi um dos mais intensos da Bahia, onde ocorreu um rápido deslocamento de populações para o interior, e o declínio na economia da cidade de Salvador pela escassez de mão de obra escrava, que progressivamente ia sendo deslocada para as Minas de Jacobina.

A modernização tornou-se então, uma exigência e motor de um ideal de sociedade que proliferaram a partir de centros difusores e controladores amparados nos princípios da racionalidade científica e que instituiu modelos e regras abstratas validadas na pretensa representação de uma totalidade social (Jesus; Silva; 2011, p.2).

O ciclo da mineração é importante para a história da região, período da história do Brasil e de Portugal em que a extração e exportação do ouro dominava a dinâmica econômica da colônia. Neste período, o processo de povoamento se intensificou com a busca incessante por metais preciosos. O quilombo da bananeira foi constituído através desse processo pois este passou a constituir importantes núcleos de povoamento, configurando assim áreas de intensa circulação de mercadorias e pessoas.

Figura 05 Bairro da Bananeira desenvolvendo



Foto da entrada do Bairro da Bananeira, se desenvolvendo arquivo particular de Alex Sandro Ribeiro Félix, (ano desconhecido).

Na foto percebe-se que o bairro ainda estava se desenvolvendo é muito nítido a presença de matos nos entornos das ruas, nota-se que as estradas vicinais são de terra e que há raríssimas casas ao longo da comunidade.

A cidade de Jacobina, abre-se em meio a grandes paredões, Serras auríferas e grutas, em meio às águas dos lagos, rios e variadas cachoeiras. Rico também é o patrimônio histórico e cultural desta que é a “Cidade do Ouro”; herança dos tempos de exploração das minas, que atraíam numerosos exploradores. Os documentos dos Capitães-Mores do Sertão atestam a existência de Quilombos na Região de Jacobina, já no século XVII. Portanto a região de Jacobina constituiu-se, desde as primeiras tentativas de colonização europeia da região, em um local de preocupação dos administradores para garantir a faixa de terra como território livre de impedimentos à expansão da criação de gados e exploração de materiais preciosos.

Desde o fim do século XVII, já havia notícias da descoberta de ouro nas Serras de Jacobina, o que provocou uma nova fase de colonização na região, trazendo mais pessoas escravizadas para trabalharem na coleta de ouro e, posteriormente, na de diamantes, sobretudo no século XVIII. Todavia, como afirma Reis e Gomes (1996, p.9) “onde houve escravidão houve resistência” que ocorreram de diversas formas, desde suicídios até fugas individuais e coletivas que davam origem à formação de quilombos, onde se agrupavam também índios e

brancos pobres. Miranda (2006) explica que essas formas de resistência traduziam renúncia à escravidão e a luta por liberdade.

Em plena febre do ouro nas Minas Gerais e com o Nordeste em clima de agitação, outra notícia correu o Brasil: haviam sido descobertas novas minas, ainda mais ricas, em Jacobina, na Bahia. Sebastião Pinheiro Raposo, o descobridor delas em 1718, conseguiu extrair 135 quilos de ouro num único dia de trabalho. Não demorou para que tivesse muita companhia. Ali os moradores começaram a extrair mais de uma tonelada de ouro por ano, reproduzindo em escala menor a ocupação das Minas Gerais, com uma diferença: como essas minas eram mais próximas do litoral, os problemas de abastecimento eram menores e as facilidades de contrabando, principalmente para Salvador, maiores⁵.

A escravidão, assim como a pecuária, a agricultura e o comércio alargaram as fronteiras e contribuíram para a afirmação da colonização no interior do estado. Esse processo, movimentou também a economia interna, que se revelou muito significativa, um suporte essencial que possibilitou a fixação e o desenvolvimento das populações sertanejas. Esse processo se deu entre o século XVIII e o início do XIX, com a dilatação das fazendas de gado de Antônio Guedes de Brito e seus herdeiros. As cabeceiras do rio Itapicuru, em Jacobina, e as serras da Tromba e das Almas, nas nascentes dos rios de Contas e Paramirim, foram as primeiras localidades da exploração de minérios da Bahia (NEVES, 2008, p. 96).

Portanto, os primeiros negros chegaram à cidade de Jacobina através do processo de mineração, em condição de escravizados. Esses também deram origem a diversas formas de resistência, dentre elas os quilombos.

1.2 Como se formou a Bananeira?

A fim de aprofundar o conhecimento e evidenciar a estruturação dos respectivos bairros, é importante destacar que o quilombo da Bananeira é uma comunidade com práticas sociais, culturais e costumes tradicionais. Explicar a presença da comunidade negra do bairro da Bananeira em Jacobina requer não somente traçar o percurso histórico das relações com a sociedade envolvente, mas também desvendar quais as forças econômicas, sociais e políticas que mobilizam a continuidade de sua identidade étnica e de seu modo de vida.

Contando um pouco da história deste bairro, Seu Delson um dos moradores mais velho da comunidade me relatou que o bairro é um dos mais antigos da história de Jacobina e cheio de batalhas, uma vez que sempre ocorreram reivindicações sociais ligadas especificamente à

⁵ CALDEIRA, Jorge. O ouro e o território (1700-1750). In: CALDEIRA, Jorge et. al. Viagem pela História do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994. CD-ROM.

Igreja Católica. Segundo seu Delson o nome do bairro foi criado pelos próprios moradores, por ser um lugar onde havia muitas plantações de bananeiras nos quintais das casas. As ruas eram de terra, não tinham pavimentação aqui era tudo difícil, a casa era de adobe.

Quando eu vim morar aqui eu tinha dezoito anos, o bairro era muito muito pobre, as pessoas viviam principalmente da agricultura, da pesca e da extração de ouro, lavavam areia nos leitos dos rios. tanto do rio do Itapicuru como o rio do Brito, não tinha quase ruas, as casa eram de adobe tinha também casas de taipas cobertas de palhas da palmeira babaçu, planta essa que aproveitávamos para tudo, fazíamos coberturas para as casas, utilizávamos o caco para fazer leite para colocar nos peixes, peixes esses pegado nos rios .Delson entrevista 31/01/2020

Na entrevista foi possível perceber o sentimento de pertencimento do morador, outro ponto observado é quando ele fala das histórias, das comadres que brigaram e viram pedras, (rochas), há outras histórias como a mulher de branco, que segundo o entrevistado afirma que essa mulher de branco aparece nas imediações do perímetro do quilombo da Bananeira. .

Seu Delson com seus 76 anos de idade bem vividos, além de ser um dos moradores mais velhos na comunidade é também uma das lideranças do quilombo urbano da Bananeira. Percebe-se na fala do senhor Delson, que o bairro foi e é importante para a comunidade principalmente na vida das pessoas e precisa ser debatido com mais ênfase, principalmente na esfera geográfica, a construção de uma identidade cultural não está presente só naqueles que de forma explícita a divulgam. A cultura está presente na mais singela forma, onde se caracteriza pela festa que sempre acontece, por suas transformações no espaço, as relações de afetividade e de identificação, com a sua rua, seu vizinho, suas casas.

Dentro desta perspectiva há uma relação de identidade muito forte entre os habitantes e o bairro, onde podemos afirmar: A comunidade serve de modelo a toda uma série de unidades sociais e culturais: um pequeno grupo coeso, onde os membros estão ligados por relações de confiança mútua, pode se multiplicar por emigração ou se estender para englobar um grande número de pessoas ligadas por certos traços fundamentais de cultura. (PAUL CLAVAL,2007 pág. 89).

Percebe-se que ao longo do tempo os moradores vão criando cada vez mais identidade com o bairro, pois acabam se ligando a símbolos, imagens e aspectos culturais. De acordo com Mourão e Cavalcante (2011), os lugares de vivências do sujeito tornam-se significativos para ele e se constituem como elementos importantes na construção de sua identidade.

De acordo com o entrevistado aqui eu construir família, tenho netos, e grandes amigos todo mundo me conhece já foi o presidente da associação do bairro. “já viver alguns período fora em outras cidades grandes, São Paulo e no Rio de Janeiro, mas aqui é o lugar onde pretendo

ficar até meu último suspiro de vida. Não tem outro lugar que eu imagino para morar” Vale ressaltar a presença e importância da afetividade do morador com a comunidade.

1.3 A Afirmação de identidade quilombola na Bananeira

Com uma população majoritariamente negra, o cotidiano da comunidade é voltado às suas raízes afro descendentes onde percebe-se fomentações das manifestações culturais no bairro da Bananeira. Em 2007, é fundada a Associação Afro-Brasileira Quilombo Erê, com a participação de jovens vinculados aos trabalhos da Paróquia São José do Operário, grupos de capoeira e dança afro, além de integrantes do projeto Puravida.

Segundo a senhora Edna Moreira, mulher negra, quilombola, professora de dança afro-brasileira da comunidade, e militante dos movimentos sociais afirma que “Antes de formar a associação, a gente já tinha participação na Pastoral Afro e da Consciência Negra da cidade. Fomos um dos primeiros grupos a lutar contra a discriminação racial”, lembra a professora de dança e integrante da associação. Dentre os objetivos do Quilombo Erê, está o intuito de promover a valorização cultural e melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, através da economia solidária.

As associações e organizações contribuem e ratificam a construção individual e coletiva da identidade quilombola pelos pares, como agentes sociais no resgate e transposição para as futuras gerações das manifestações e coletividade da comunidade. A identidade não se trata de algo estático e imutável, ele se adequa, se transforma, assim como ela é agregadora, sendo constituída da soma, a partir da interação entre os pares. Nos quilombos é importante notar que a construção da identidade está diretamente relacionada ao território, este que é demarcado e delimitado. Assim como afirmam Castro e Salomão (2018).

Assim, o território quilombola é entendido como resultante de elementos étnicos que se externalizam nas relações construídas com e no território. Trata-se da reinvenção de elementos étnicos-culturais que conduzem a vida e dão sentido de pertencimento ao lugar. Dessa forma, a terra na condição de território étnico, tem assegurado, ao longo do tempo, o sentimento de pertença, de identidade, a um lugar e a um grupo, a posse coletiva da terra e o desenvolvimento coletivo. (MALCHER, 2009 p.9).

A identidade entrelaçada e construída a partir da vivência e sentimento de pertencimento a terra delimitada e possuem as características de um povo que se constrói ao longo do tempo, as pessoas conhecidas, as territorialidades dos mais velhos transcendendo entre as gerações avós e netas, nos ensinamentos, nas práticas e formas de vida.

Em 2016, a comunidade foi certificada pela Fundação Palmares como remanescente de quilombo, conforme publicação no diário oficial da Bahia. Neste sentido Fábio Nunes de Jesus afirma que:

O reconhecimento dos territórios de quilombos (sejam urbanos ou rurais) representa importante movimentação histórica, cultural, indenitária e geográfica da sociedade brasileira no sentido de dar visibilidade a diversidade espacial vivenciada por grupos sociais marginalizados do direito ao espaço e ao mesmo tempo inventores e criadores de lugares referenciais de sua memória e costumes (JESUS, 2013, p.18)

Ao todo, a cidade de Jacobina possui no seu município dez comunidades quilombolas: Bananeira, Baraúnas de Dentro, Lages do Batata, Lázaro de Timbó, Barroco Velho, Campestre, Corea, Lagoa do Timbó, Malhadinha de Dentro Cafelândia, localidades, e um único quilombo urbano o quilombo da Bananeira.

1.2.1 As Comunidades Quilombola no território do Piemonte de da Diamantina

Figura 06 Comunidades remanescentes de quilombos do território Piemonte da Diamantina município.

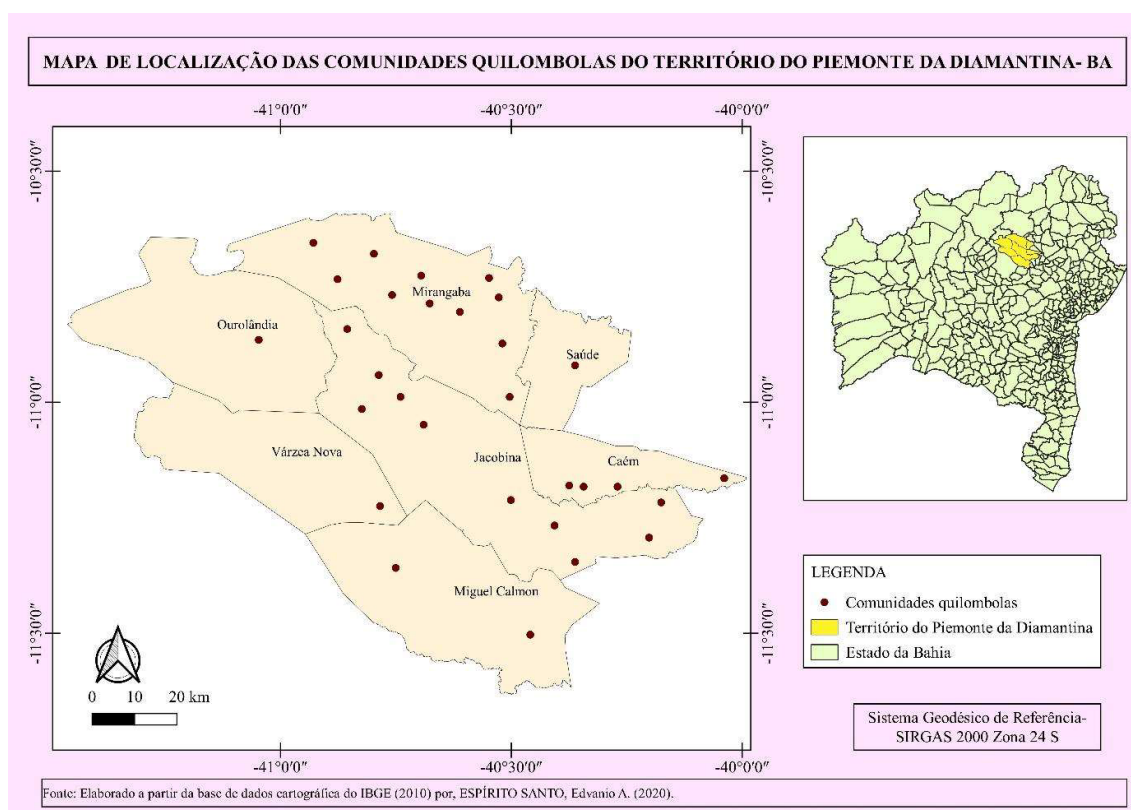
Nº Municípios	Nº Comunidades Quilombolas
01 Caém	1 Bom Jardim - 2 Monteiro - 3 Pau Seco - 4 Várzea Queimada
02 Jacobina	1 Bananeira – 2 Baraúnas de Dentro - 3 Lages do Batata - 4 Lázaro de Timbó - 5 Barroco Velho– 6 Campestre– 7 Corea – 8 Lagoa do Timbó* -9 Malhadinha de Dentro -10 Cafelândia 11 Batata
03 Miguel Calmon	1 Saco – 2 Covas/Mucambo dos Negros
04 Mirangaba	1 Almeida – 2 Coqueiros – 3 Dionísia – 4 Jatobá – 5 Nuguacu – 6 Olhos D'Água – 7 Palmeira – 8 Ponto Alegre – 9 Santa Cruz – 10 Solidade -11 Sambaíba
5 o Ourolândia	1 Novo Achado
6 Saúde	1 Grota das Oliveiras
7 Várzea Nova	1 Mulungú

Fonte: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 (encontrado 02/03/2020). Adaptação ESPÍRITO SANTO, EDVANIO ALMEIDA.

A comunidade Quilombola da bananeira possui um patrimônio cultural rico e valioso, porém, desconhecido por muitos. Há várias manifestações culturais como os ternos de reis, as danças afro, capoeira, sambas de roda, comemorações para o dia vinte de novembro. São formadas de grupos sociais cuja identidade étnica constitui a base de suas vivências cotidianas. Atualmente, os encontros são organizados pela Associação Afro Brasileira Quilombo Erê, assim como vários projetos cujos objetivos abarcam a formação cultural e qualificação profissional de jovens, e adultos.

De acordo com o Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável e Solidário do Piemonte da Diamantina. Jacobina-Bahia, município que originou os 08 municípios atuais do Território. É importante ratificar que o município de Jacobina, já foi uns dos territórios, mais extenso do Estado Bahia, chegando a ir até onde atualmente Rio de Contas.

Figura 07 Comunidades Quilombolas do Território do Piemonte da Diamantina



De certo que atualmente o nosso território está formado por oito municípios, Caém, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ourolândia, Saúde, Umburanas e Várzea Nova, no entanto só Umburanas que não em comunidades quilombolas.

É perceptível no território das comunidades quilombolas, a partir do processo de reconhecimento observamos que algumas mudanças ocorreram no campo social, político e

econômico principalmente no Quilombo da Bananeira, as ações afirmativas de identidade, políticas sociais. Entretanto conforme enfatiza irmã Zidalia⁶,” hoje nós somos ricos nas coisas aqui tudo facial, quando vim morar, nessa comunidade não havia quase nada, era tudo difícil, não tinha escolas no bairro, não tinha posta de saúde, transportes era a coisa mais rara. Porém hoje em dia [pausa] meu “filho” há muitas violências muitos sons de carros, bares para todo lado o povo não respeita os idosos”

Neste sentido, o desenrolar das entrevistas revelou que a comunidade quilombola da Bananeira tem recebido intensa influência urbana, pela proximidade dos bairros urbanos do município, e também enfrenta vários problemas econômicos e sociais peculiares das cidades.

Capítulo 2 – O conhecimento que desconheço: aprendendo sobre as manifestações culturais do quilombo da Bananeira

As manifestações culturais são todas as formas de expressão de um povo, podendo ser através de uma celebração ou rituais, características de pertencimento de indivíduos a um determinado grupo, desta forma identificamos as principais manifestações culturais de um local. Em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no palco concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças.

Cultura é todo o complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica (SILVA; SILVA, 2013, p.85). Nesse sentido é relevante propiciar discussões sobre as manifestações que ocorreram e ocorrem no Quilombo urbano da Bananeira. Conforme ressalta Waelhens apud Vaz (1966, p.6) cultura é:

O processo social e histórico constituído pelas relações de conhecimento e transformação do homem como natureza e pelas relações de reconhecimento do homem com o outro homem, processo que cria um mundo humano, e através do qual o homem se realiza como homem neste mundo humano. (DE WAELHENS a., apud: VAZ,1966, p. 6)

Portanto, definimos que a cultura é constituída pelo resultado da relação produtiva do ser humano sobre a natureza. Ou seja, tudo aquilo que não é natural e tem atividade humana, pois a cultura se efetiva na interação do homem com o outro e nas suas relações. Sodré contribui com a defini o “Cultura   o modelo de relacionamento humano com seu real. Este ‘real’ não

⁶ Entrevista concedida ao pesquisador pela moradora da Comunidade quilombola da Bananeira, Zidalia Neri Santiago em 18/02/2020.

deve ser entendido como a estrutura histórica globalmente considerada nem mesmo como um conjunto de elementos identificáveis”. (SODRÉ, 1942, p. 48).

É notório que historicamente as comunidades tradicionais tem um legado de culturas e que essa cultura nos é apresentada através das danças, das crenças religiosas, das musicalidades, dos costumes e é por meio da cultura que os homens e as mulheres estipulam regras, que convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos.

No caso do quilombo urbano da Bananeira, as manifestações culturais, são organizadas pelos membros da Associação Quilombo Erê, e dos moradores mais velhos, que sempre fomentam as tradições culturais dos moradores do bairro com suas festas tradicionais. Os entrevistados sempre falam das festas tradicionais com muito orgulho e recordam principalmente onde realizam suas práticas, os grupos de pessoas com suas roupas típicas, para a ocasião, como nos “Ternos das Tabaroas” o “Ô arraiá Quilombo” “Festas de São José Operário” e a tão famosa caminhada ecológica da gruta do Brito”.

O senhor Delson relembra com muito carinho as celebrações, festas da qual participou com afinco em sua juventude e em outras fases da vida, rememora a complexidade e o prazer das organizações, desde a contemplação da decoração e a beleza das celebrações em todo o seu acontecimento, em sua fala é perceptível a saudade dos velhos tempos, como ele mesmo denota.

O Quilombo urbano da Bananeira é muito rico em diversidade cultural consequências de uma colonização construída por diversos povos que aqui se integraram trazendo juntamente com suas esperanças e fé, é perceptível o patrimônio cultural existente no Quilombo Urbano da Bananeira, atualmente representam uma cultura africana viva e presente, destacado pela Religiosidade, Culinária, Dança, Capoeira e Música. Conforme explica Duarte e Martins (2012), cultura é a atividade humana acumulada, envolve a ação do ser humano e sua relação com a natureza, para produzir sua existência. Conforme ressalta Cool (2002) apud Silva concebe a cultura como:

“O conjunto de crenças, mitos, conhecimentos, instituições e práticas por meio dos quais uma sociedade afirma sua presença no mundo e garante sua reprodução e permanência no tempo. Ou seja, é um modo de vida que abrange toda a realidade existencial das pessoas e comunidades de uma sociedade, e não apenas as artes, o folclore e as crenças”.

Como podemos notar a cultura é tudo que faz parte da existência da pessoa e asseguram sua existência e permanência na sociedade. Entretanto podemos dizer que a cultura é uma raiz dos antepassados que permite compreendermos como os povos se expressam, através das

comemorações das festas das celebrações. Com isso inferimos que a cultura apresenta uma estreita relação com a ideologia, que é a forma como as ideias individuais e coletivos de um grupos, comunidades e instituições orientam suas ações, moldam e até provocam fortes impactos sobre seu modo de vida e constituição do ser. No próximo tópico iremos mergulhar sobre as manifestações culturais, que existem e já existiram no Quilombo Urbano da Bananeira.

2.1- As manifestações

Tais formas de manifestação cultural são transmitidas a partir da oralidade e do ato de representar, que pode ser através da arte, da dança, dos ditados populares, das crenças e festejos. Estão presentes em toda parte do mundo através do folclore de cada região. As manifestações artísticas populares são mistura e traços marcantes da fé e da cultura popular e podem ser caracterizadas com mistura de dança, de ditados populares, cordéis, festas religiosas entres outras formas populares de manifestar.

Lúcia Pergo explicita: “as festas populares são tradições que constituem a resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes”(PERGO,2011, p.1). Portanto a cultura popular pode ser transversal e pode ser passada de geração para geração, e por que não dizer que as festas culturais são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais.

Observa-se que as manifestações culturais são resultantes de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. Assim, afirma Carvalho (2007, p. 66), “com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não”

Nesse sentido, as manifestações culturais são representativas da voz social, uma forma subjetiva que o grupo de pessoas encontra para expor seu interior, expressar o que pensam, o que desejam realizar ou modificar” (Ibid. p. 64). Sendo assim fica em evidência que as manifestações culturais no quilombo urbano da bananeira têm diferentes formas de se expressarem culturas observa-se que as manifestações culturais são resultantes de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. Nessa perspectiva, falar de manifestações culturais populares significa falar das formas de expressão da cultura de um povo.

Na Comunidade Quilombola Urbana da bananeira, tradicionalmente ocorrem manifestações populares e religiosas. Organizado pelo Quilombo Erê, acontece anualmente

Samba de Roda, festival que acontece frequentemente, várias vezes ao ano. Outro manifesto que acontece nesta Comunidade, são as Festas Juninas, popularmente o São João, denominado "Arraiá Quilombola". O Samba de Reis (Reisado) é festejado sempre em janeiro de cada ano, relembrando e praticando a cultura herdada dos antepassados.

O aspecto religioso, é bastante movimentado e comemorado com muita satisfação pela comunidade que festeja a Festa do Padroeiro comemorado dia 01 de Maio festa do padroeiro (São José Operário) Em uma de suas falas que aparecem no documentário ‘ Quilombo Erê nosso quilombo urbano’, aprofessa Edna Moreira, expressa como surgiu a igreja de São José Operário no quilombo urbano.

A igreja era debaixo de um pé de jatobá, aqui em baixo na Rua do Rosário, a partir daí tivemos a necessidade de ter um lugar maior para se reunir, nós nos reunimos na casa de dona Joana, com círculos bíblicos e com celebrações, depois tivemos a necessidade construir uma igreja, e foi através do padre José junto com a gente, meus pais, meus irmãos, minha família né? e o povo da comunidade. Tivemos essa ideia de construir a igreja de São José Operário. (Edna Moreira, Quilombo Erê nosso quilombo urbano)

Analisando a fala da senhora Edna percebemos que os moradores são bem solícitos e que eles trabalhavam em mutirões, para elaboração da igreja, percebe se no exposto por Edna, que as reuniões para a construção da igreja aconteciam na casa de dona Joana. Sendo importante destacar que a senhora Joana era Mãe de Santo, quanto a fala fica claro o sincretismo religioso no quilombo urbano principalmente as interações das tradições cultivadas pelos primeiros moradores do quilombo urbano da bananeira. Ao longo da história brasileira, com o passar dos séculos, os elementos religiosos trazidos pelos afro descendentes escravizados nos permite compreender a fusão de práticas religiosas de diferentes povos;

A existência no Brasil de uma multiplicidade de traços culturais e religiosos, num primeiro momento tido como incompatíveis e diversificados, foram com o tempo se transformando numa forma peculiar de prática religiosa: a união de elementos religiosos e culturais diferentes e antagônicos num só elemento. (HISTÓRIA E HISTÓRIA, 2012a)

No entanto, como afirma Fohr (1997, p. 44), de que “na turbulência da escravidão várias religiões africanas se tenham misturado ainda na África, antes de serem traficadas para o Brasil. O sincretismo de origem afro surgiu com a religião católica, numa busca de camuflar as suas crenças, que eram totalmente proibidas em país católico. Sem dúvidas a religião independente da qual seja, com suas crenças e práticas religiosas constituem um subgrupo da cultura de um povo. Sabemos que as diferentes experiências religiosas trazidas pelos diversos grupos étnicos para o Brasil trouxeram inúmeras transferências de culturais religiosas.

No quilombo Urbano da bananeira fica bem explícito essas fusões dos sincretismos principalmente por existir ainda prática religiosa que provém da fusão de outras, podemos asseverar que os sincretismos presentes no território do quilombo Urbano da Bananeira, representam umas grandessíssimas variedades de culturas no quilombo. É possível notar, portanto que as manifestações culturais, e o pluralismo cultural no Quilombo Urbano da Bananeira, são de fundamental importância para valorização da identidade das crenças, ressaltando que tais manifestações expressam características específicas de um povo e suas peculiaridades.

Explicitaremos para melhor entendimento, de que a cultura é diversa e se encontra nas mais variadas ações e manifestações dos diversos povos, portanto não deve ser compreendido e classificação de cultura popular, pois cada manifestação é organizada e realizada por um povo, estando todos no mesmo limiar da constituição em sua diversidade cultural.

Partindo desse pressuposto temos a contribuição de Chartier (2003, p. 141).

Tomando o risco de simplificar extremamente, pode-se remeter as inúmeras definições da cultura popular a dois grandes modelos de descrição e interpretação. O primeiro, desejoso de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente desconhecida e irreduzível àquelas da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e suas lacunas em relação à cultura dos dominantes. De um lado, portanto uma cultura popular que constitui um mundo à parte, fechado em si mesmo, independente. De outro, uma cultura popular inteiramente definida por sua distância da legitimidade cultural, da qual é privada (CHARTIER, 2003, p. 141).

2.1.1 – Afinal o que é dança afro-brasileira?

Sabemos que a dança como linguagem artístico-cultural é uma das maiores manifestações que representam os aspectos culturais de um povo. Desde os períodos primitivos até a contemporaneidade. O Brasil é um país miscigenado, formado e constituído por uma pluralidade de etnias e permeado por vastas manifestações culturais que formam continuamente o seu povo e suas múltiplas identidades. A dança foi uma das primeiras formas de expressão do ser humano no mundo, contribuindo para o reconhecimento de uma cultura por meio do

movimento e possibilitando o encontro do homem com a sua própria história e formação identitária. Conforme ressalta Maria⁷

Em entrevista, sou mãe solo, negra, quilombola, reside no Quilombo Urbano do bairro da Bananeira e tenho uma filha de 10 anos chamada Maria Yasmin. A dança afro surgiu na minha vida através da capoeira. Aos meus 10 anos de idade, minha mãe havia me colocado na academia de capoeira do bairro, e lá também tinha aulas de dança- afro, que eram ministradas na época pela professora Edna Moreira, que até os tempos de hoje ensina aqui em nosso quilombo. (MAIA, 2021)

A professora a partir da ação do ensino da dança, na integração do sagrado com seu corpo e o de seus alunos é uma ação contra hegemônica, no desenvolver do resgate cultural e ancestral de toda a ação. A especificidade da dança afro se constitui em sua completude de resistência, em toda sua ação, pois “encontra suas raízes nos projetos insurgentes que resistem, questionam e buscam mudar padrões coloniais do ser, do saber e do poder” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 86).

Daí ao jogar capoeira e a dançar, a dança de nosso povo, que mostra nossas origens, tomou conta de meu coração e de todo meu ser. Dançar, cantar e jogar capoeira, são e sempre serão minhas paixões. Pois sei que ali estou representando a cultura de meu povo. Um povo sofrido, escravizado que encontra a paz na dança, canto e na ginga.

Com as Danças Afro, pude me reconhecer negra. Através de uma poética étnica e dos aprofundamentos realizados na prática, pude perceber um lado adormecido. Assim, identifiquei-me como mulher negra para além da cor, a luta de resistência da etnia negra, e muitas histórias que marcam a cultura da qual sou parte, fizeram-me observar a identidade a partir de outra ótica, e de certa forma me possibilitaram ter uma visão ampliada dela. Maria Madalena de Jesus Maia a, em 08/02/20201.

Na entrevista fica evidente a autonomia e a alegria em socializar sobre a dança afro-brasileira realizada no quilombo urbano Bananeira. A dança é de fundamental importância na formação da autoestima e de um novo movimento de resistência da cultura negra, a partir do qual percebe-se uma identidade referente aos elementos estéticos negros, como: cabelos trançados, turbantes, roupas com as mais variadas estampas africanas, músicas entre outras expressões oriundas da cultura africana. A dança afro Brasileira é um dos elementos mais marcante nas comemorações no quilombo urbano da bananeira, principalmente pela alegria de ser expressada na comunidade de forma harmoniosa.

⁷ Entrevista concedida ao pesquisador pela moradora da Comunidade quilombola da Bananeira Maria Madalena de Jesus Maia, em 08/02/20201

Acreditamos que não é tarefa fácil definir o que vem a ser exatamente o que é dança afro-brasileira, mas arriscamos dizer que talvez não exista uma única definição para esta, mas várias definições. No âmbito da religiosidade podemos asseverar que, as danças e toda uma filosofia de vida pautada na comunicação com as divindades sagradas denominadas orixás.

Assim, nesse processo identitário de fazer escolhas, as danças no quilombo da Bananeira para expressar as alegrias e as comemorações sempre em uma dança desperta o legado de resistência da comunidade. Conforme ressalta SOUZA (1998, p. 304).

Toda a dança realizada no candomblé é a dança afro, na significação em que o termo “afro” busca a originalidade das representações étnicas no Brasil. Mas, nem toda dança afro é candomblé, isto porque no contexto artístico ou na espetacularização dos mitos, o indivíduo tem que ser necessariamente um dançarino-ator e conscientemente expressar os gestos dos orixás em um espaço teatralmente preparado para a cena que deseja apresentar um público... um dos fundamentos da dança afro é causar impressão através dos gestos dramáticos dos ancestrais e manter um nível excelente de expectativa do público, que deverá se emocionar pela desenvoltura dos dançarinos atores, ao tornarem espetáculos os deuses afro-brasileiro (SOUZA, 1998. P. 304)

Entretanto podemos perceber, de acordo com Souza (2000), que a dança no âmbito sagrado revela histórias e acontecimentos herdados pela experiência mítica, tendo uma linguagem diferente do teatro. Portanto ao analisarmos a citação de Sousa não podemos enfatizar que as danças realizadas no candomblé são diferentes das realizadas no palco, pois nesta dança existe todo um ritual, uma saudação do orixá. No entanto, podemos afirmar que as danças realizadas no Quilombo urbano da Bananeira, é uma arte negra africana que reflete a vida cotidiana, as vivências, os saberes e fazeres compartilhados pelos moradores do Quilombo Urbano da Bananeira.

A dança se constitui como um momento de celebração dos corpos-territórios que materializam na dança a resistência africana e seus ancestrais. A dança é uma demarcação de territorialidade da cultura africana e todo o resgate da força e existência. Como afirma Assis (1993, p. 23).

[...] valores que estão intimamente representados na dança, que é para os povos africanos o mais potente elemento de aglutinação social. Originalmente, a dança estava intrinsecamente ligada à cultura ancestral africana que, com certeza, poderíamos considerá-la como mais um órgão que tivesse em seu corpo (ASSIS, 1993, p.23).

Partindo do corpo no jogo da dança, como o corpo remonta a territorialidade enquanto resistência. Desta forma França (2000, p.4) traz:

Falar do corpo que brinca, do corpo que se aventura, do corpo que se encanta, do corpo aberto aos prazeres da natureza, do corpo que reflete a beleza estética de suas linhas ao dançar, enfim, é falar de corporeidade, entendida como forma de construir, vivenciar e/ou experimentar a realidade de forma lúdica, prazerosa. Entretanto, implica, também, pensar numa corporeidade vivida e tratada num mundo contraditório, num mundo de relações consigo, com outros corpos, com o mundo natureza, com o mundo cultural.

Confluindo com o que traz a autora acerca do corpo, nas manifestações culturais o corpo se constitui como um primeiro território que as pessoas o constituem para ocupar e territorializar os espaços, desde as manifestações culturais sagradas em dias festivos, a vivência cotidiana no Quilombo Urbano da Bananeira.

Figura 08 — Comemoração do dia 20 de novembro no quilombo Urbano da Bananeira



Foto arquivo particular de ESPIRITO SANTO ,Edvanio Almeida 2019

Para a cultura negra a dança afro não tem um sentido próprio único, pois ela está sempre ligada a um culto e a música, assim, tem relação com a religião e com a arte compreender o contexto a qual a Dança Afro-brasileira esteve, e está inserida. Nos permite compreender como Danças Afro praticadas no Quilombo Urbano da Bananeira, podem ser consideradas a expressão da forma de organização de um povo e a sua exaltação em um contexto que é uma prática que se alimenta das influências brasileiras, transformando-se em um novo fazer, em um fazer afro-brasileiro. (fotos em Apêndice)

2.3 – Um resgate histórico sobre os ternos de reis

Ao contrário do que acontece com a dança afro, o terno de reis não ocorre mais no bairro-quilombo-comunidade quilombola da Bananeira, mas possui forte referência na memória dos quilombolas

A Folia de Reis é uma manifestação cultural que não pode ficar desconhecida, sendo de vital relevância sua valorização enquanto expressão de cultura popular. As Folias de Santos Reis são realizadas por grupos do catolicismo popular que se organizam para pagar promessas, e cumprem o voto por meio de peregrinações. Entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, período que se comemora o nascimento de Cristo, grupos de pessoas trajando roupas bastante coloridas realizam os festejos.

Não se deve pensar o Terno Reis e sua religiosidade popular a partir de uma perspectiva de ingenuidade dos seus sujeitos, dos deus jeitos simples de se expressarem com seus cantos com seus trajes simples, mas com muito alegre ou mesmo de uma supersticiosidade presente nessas narrativas das interpretações do sagrado, mas sim por meio de construções simbólicas que contribuem na reconstrução de discursos que envolvem inclusive disputas de hegemonia:

Deveremos sempre situar as religiões que desejamos conhecer em seu contexto histórico e social, buscando as razões de sua existência na nossa realidade. [...] como conjunto de crenças e práticas sagradas professadas por determinados grupos sociais. (OLIVEIRA, 1988, p. 107)

Em entrevista a senhora Zidalia Neri Santiago é primeira mulher a criar a folia dos ternos de Reis no Quilombo Urbano da Bananeira. Ela nos afirma que há mais de trinta anos não fazem, mas a folia que tem muitas saudades dos festejos no Quilombo. Ela lembra do primeiro terno realizado na no Quilombo Urbano da Bananeira, Irmã Zidalia, relatadas dificuldades para realização na comunidade, pois como não tinham muito recursos, mas lhe sobrava fé, fazia com o que tinha, produzia os festejos tradicionais que era de grande relevância para a o Bairro da Bananeira.

Ela nos ratifica que os ternos são hereditários e que ela já acompanhava o pai quando moravam em outra cidade e que herdou do pai o dom de compor versos. Segundo a Irmã Zidalia, num tempo em que a tradição perde força e a unidade familiar em torno da crença torna-se cada vez mais rara, o Ternos de Reis figura como um exemplo vivo de fé e devoção, passada de pai para filhos e assim, sucessivamente.

Dona Zidalia nos relata que os Ternos de Reis que ela fazia não só acontecia nos períodos específicos do ano, mas, sempre que tinha festas tradicionais na comunidade, como

no mês de junho no São João, festa de São José operário o padroeiro da comunidade e em especial nos dias seis de janeiro dia que se comemora o São Reis.

A folia dos ternos como Irmã Zidalia, nos afirma ao descrever como acontecia, foi a primeira mulher a escrever cânticos de ternos, como o Terno das Tabaroas, o Ternos das Brasileiras, entre outros mais de trinta (marcha de ruas). É precipitável como ela enaltece as mulheres no seu cântico dos ternos de reis principalmente no Terno das Tabaroas:

Vede siores cuma são fremosa
As moradeira do Moçambão (bis)
Cum suas saias de chitão vermeia
Sardano o povo com lenço na mão

Nois veio aqui é cum arreceio
Pramode o povo que inginora
Nois num gosta de cabelo cortados
Nem de andar cum as pernas de fora

Vomicê dono da casa
Saia pra fora ispiá
Um grupinho de grotieras (bis)
Qui vos veio visitar.

Fonte: (Zidalia, 2019).

É perceptível que o empoderamento feminino contemporâneo tem contribuído para o surgimento de novas atividades tanto em outros espaços, no quilombo urbano da bananeira a exemplo das festas de comemorações ao dia vinte de novembro, onde é comemorado com danças afro e além de rodas de capoeiras palestra de conscientização sobre a importância do dia nacional da consciência negra. Segundo irmã Zidalia, ela sempre incentivou as meninas a terem autonomia, e que o pai dela sempre foi a expiração, como militante na comunidade. Ela buscou motivar os jovens nas aulas de catequese.

Afirma ainda que desde cedo as meninas eram levadas a pensar que são menos do que os meninos e homens e, por isso, não podem estar em lugares de destaque ou terem suas vozes ouvidas. No entanto Irmã Zidalia, sem foi expirações na comunidade, pois desde pequena, ela militava nas festas tradicionais do bairro, principalmente sendo destaque nos ternos de reis fazendo seus cânticos e além de ter herdado do seu pai o talento de compor versos.

Em entrevista Irmã Zidalia nos relata que os versos sempre tinham tons de enaltecer as mulheres, pois sempre buscava dar voz e vez para as meninas, ficando bem explícito em uma parte dos versos no terno das Brasileiras ela canta assim:

As brasileira sorrindo
 Vem esta casa alegrar
 Pois é nascido o Messias
 Devemos então cantar

Cantata, canta, mocidade
 Alegremente a sorrir
 Colhamos agora as flores
 Da ilusão do porvir

Busquemos a luz bendita
 Refletir mil graças mil
 Que de Jesus irradia
 Também no céu do Brasil.

Almas gentis brasileiras
 Cantai hosanas também
 Que para nossa alegria
 Nasceu Jesus em Belém.

Fonte: Zidalia, (2019).

Percebemos nos Ternos de Reis, a presença de uma poesia popular que irá refletir através de cânticos religiosos, a perpetuação de uma série de crenças e valores sociais. Dessa maneira, os ternos de reis constituem também uma “função social”, qual seja a de agregar a vizinhança e as famílias, a de manter o tecido social coeso e com um sentido de pertencimento a uma dada comunidade.

Em entrevista Irmã Zidalia nós relata como acontecia as festa dos ternos, sempre tinha uma reunião para organizar, cada visitação segue-se um roteiro, inicia-se com orações de mãos dadas pedindo benção e proteção para a nova jornada, geralmente as orações rezadas é o pai-nosso e ave-maria. Após tais orações todos os participantes ficam diante de uma imagem dos Santos Reis reverenciados e depois se benzem com o sinal da cruz e todos seguem para algum lugar determinado pelo mestre e aguardam até a hora real do início do ritual, às 00 h. Nesta hora realiza-se, canto e os foliões iniciam as folias nas casas dos devotos de Santo Reis, geralmente os donos da casa não sabem que a folia vai estar na casa.

Antonio Arantes (1988, p. 09) elucida uma discussão acerca da “cultura popular”, portanto aqui nos debruçamos sobre a discussão, os ternos de reis dentre tantas outras manifestações culturais são apontadas como pertencente marcadamente a cultura popular, mas aqui a demarcação existente nas hierarquias acerca das culturas, uma vez que por vez ou outra são denotadas, classificadas as manifestações como pertencentes a cada “tribo”.

Compreendemos a partir das explicitações do autor que a classificação de cultura popular remonta ao universo de complexidade das colonialidades, partindo das cosmovisões. Assim, ao abordarmos sobre os ternos e reis de irmã Zidalia, nos deparamos com a tradição e costumes que envolvem a história do Quilombo Urbano da Bananeira. Isso não significa pensá-la de forma restrita, mas sim de modo mais amplo pelo fato de que toda tradição é um acontecimento renovador, que se refaz diariamente; originando-se no passado, mas se transformando no presente. Para manter viva uma tradição é preciso fazer com que as próximas gerações se interessem por ela, a comunidade precisa querer revivê-la constantemente.

Aqui é possível percebermos é que os ternos de reis da Senhora, Zidalia Neri Santiago, nos dias atuais só ficaram nas suas memórias e em um caderno que ela guarda com muito cuidado as suas machinhas de ternos. Percebemos ainda como ela afirma que esse dom de compor os ternos que ela herdou do seu pai, não foi passado para seu filho adotivo, no entanto sabemos que os ternos tiveram um papel importante no Quilombo Urbano da Bananeira.

2.4 De geração para geração o terreiro ainda existem no quilombo urbano da Bananeira

De acordo com Munanga (2007) o candomblé é uma reconfiguração cultural de resistência africana diaspórica. Sabemos que as comunidades quilombolas são e é uma expressão viva do nosso passado, de um passado que, talvez, não tenha sido tão glorioso, pois não há nada de louvável em escravização das pessoas que marcam a história desse país, no entanto as comunidades quilombolas preservam costumes centenários, guardam tradições que revelam a influência africana na formação do nosso povo. Para iniciarmos a discussão é necessário elucidarmos as contribuições de Prandi (1995, p. 66) acerca do candomblé.

Quando se fala em candomblé, geralmente a referência é o candomblé queto, ou da chamada “nação” queto, da Bahia, vertente em que predominam os orixás e ritos de iniciação de origem ioruba. Seus antigos terreiros são os mais conhecidos e prestigiados do Brasil: a Casa Branca do Engenho Velho, o candomblé do Alaketo, o Axé Opô Afonjá e o Gantois. As mães-de-santo que alcançaram grande prestígio e visibilidade na sociedade local têm sido dessas casas, como Pulquéria e Menininha, sua sobrinha-neta e sucessora no candomblé do Gantois; Olga, do terreiro do Alaketo; e Aninha, Senhora e Stella, do candomblé do Opô Afonjá. (PRANDI, 1995) (p.66)

A contextualização acerca das matrizes do candomblé é importante para compreender a geografia das divindades, para remontar a transfluência como caracteriza Antonio Bispo dos Santos (2015). Isso nos possibilita o entendimento acerca da preservação da religiosidade na cultura quilombola, como explica Silva (1994, p.8).

A religião de um povo é viva e dinâmica, como a cultura de onde a religião é gerada. Com as religiões de origem africana não é diferente. Elementos significativos foram sendo introduzidos na prática religiosa tanto de inspiração banto quanto nagô, a partir da realidade vivida pela comunidade negra no Brasil e demais países da América. (SILVA, 1994, p. 8)

Como podemos constatar, a religião afro brasileira traz em si lições de vida, e o respeito à natureza é uma prática específica que envolve toda uma questão cultural e o legado que os ancestrais deixaram, principalmente no candomblé se tem como primazia, a prevenção de enfermidades.

"Para os adeptos, a religião dificilmente se "revela" aos olhos de quem não experimenta." (FONSECA; SILVA, 2000). Os autores destacam que a experimentação, a possibilidade da vivência das religiões afro- brasileiras se realizam a partir da predisposição de experimentação a partir do terreiro.

Assim, na perspectiva de respeitar a cultura de matriz africana e manter a memória no quilombo Urbano da Bananeira o senhor o senhor Júlio no documentário Quilombo Erê - Nosso Quilombo Urbano socializa:

Eu nasci dentro do Candomblé, minha mãe era Mãe de Santo, as coisas que eu sei tenho na memória. Porque eu não vou fazer assim...Quando eu vou fazer uma coisa, chá, ou uma coisa pra uma pessoa, vou rezar uma pessao, eu não vou procurar em livros. Por que eu já tenho tudo gravado na memória minha mãe me ensinou cada dia que passava ela me ensinava fazer uma coisa do Terreiro de Candomblé.(Júlio filho de Mãe de Santo)

O relato do senhor Júlio nos faz perceber o reconhecimento da dimensão da, seu empenho em pró da comunidade. Nos ajuda a compreender que é nessa relação com o que ele chama de obrigação, no Terreiro de Candomblé é uma coisa muito fina, é uma religião muito fina dedicada para gente a gente tem um grande respeito aos Orixás. Seu Júlio prosseguiu no relato contando como ocorre sua relação e como ocorre a gente ficar na obrigação de celebrar Cosme e Damião, e às vezes faço a festa do caboclo da mata também. No relato exposto no documentário percebe-se que a religiosidade vem praticamente de heranças dos suá da mãe, e do pessoal do Quilombo urbano da Bananeira.

A relação ancestral com os orixás é entrelaçada e estreitada a partir da iniciação. Como afirma Silva (2011, p. 70).

Percebe-se que conforme o grau de iniciação do candomblista vai evoluindo, a sua cumplicidade e ligação com o seu guia vão aumentando e tornando-se complexas, pois

os praticantes do candomblé buscam ao máximo aproximar-se física e psicologicamente de seus mentores.

As religiões afro-brasileiras tiveram e têm um papel peculiar neste processo de constituição e de fortalecimento das culturas afro-brasileiras, principalmente no que tange quilombos, podemos afirmar que o terreiro para além de um espaço religioso, é um espaço de acolhimento de convivências.

Os Terreiros de Candomblés e demais espaços são historicamente concebidos como espaços de resistência para manutenção das tradições religiosas negro-africanas, percebemos que as religiões afro-brasileiras, historicamente, deixaram de serem exclusivos de seu grupo de origem, escravos negros e descendentes, tornando-se aberta a todas as raças, classes sociais, gêneros e estilos de vida.

O Candomblé é uma religião que expressa a luta e a herança do povo negro e que conecta Brasil e África em seus rituais através de música, dança, vestimentas, linguagem, comida e cerimônias. Embora o Candomblé seja uma religião com tradições complexas, esta religião ainda hoje sofre muito preconceito e é recoberta por estigmas, tendo frequentemente suas tradições desrespeitadas

Capítulo 3-Invisibilização das manifestações: entre o descaso e a resistência

Todo processo cultural é complexo, variado e multidimensional, e contempla disputas, tensões e resistências que permeiam os seus vários momentos de produção e de difusão pela sociedade. Assim no Quilombo Urbano da Bananeira encontramos diversificadas e ricas manifestações culturais que espelham e retratam de modo peculiar as próprias contradições de sua realidade, e que deveriam ser compreendidas considerando esses tensionamentos e complexidades. Apesar disso, os discursos e práticas hegemônicas continuam tentando determinar, de modo reducionista, os modos de compreender ou mesmo de difundir e de apreender certas manifestações culturais, sobretudo, as consideradas marginais ou periféricas no contexto social brasileiro.

Segundo o professor José Luiz Quadros de Magalhães⁸ (2017), nós, brasileiros, temos uma relação de adoração com a cultura eurocêntrica. Ao invés de valorizarmos nossa própria cultura, sempre houve uma preferência pelo importado, "de fora", especialmente pela elite

⁸ José Luiz Quadros de Magalhães, "Decolonialidade: alternativas para saída da crise brasileira" (palestra), Puc Minas, Belo Horizonte, 25 de outubro de 2017 disponível no YouTube

branca brasileira. Este fenômeno pode ser explicado pelo colonialismo europeu no Brasil. Como ressalta Ramón Grosfoguel, “as hierarquias etnoraciais construídas por anos de subordinação colonial ficaram intactas” (GROSFOGUEL, 2012, p. 347).

Neste sentido, essa desigual disputa de poder acaba por restabelecer algumas hierarquias raciais, instituídas por séculos de história colonialista. Para a população negra do país, mesmo após 130 anos do fim, oficial, do regime de trabalho escravo, avanços encontram-se distantes de serem consolidados. Esse descaso aos afrodescendentes ainda reflete a cultura de superioridade racial implementada pelos colonizadores europeus no território brasileiro. No entanto quando pensamos sobre a cultura dos afrodescendentes, nós estabelecemos relações com a nossa própria história de resistência.

Sabemos que a história do negro é também a história do Brasil e dos brasileiros, pois os negros não vivem isolados da história dos não negros, isso remete a necessidade de se contar a História do Brasil, dos 521 anos do nosso país, com a inserção do negro como personagem da nossa história, passada e presente. Sabemos que negro tem uma história e ela não é apenas recheada de tristezas, lamentações e sofrimento, há também uma história e uma cultura tão rica como qualquer outra. Conhecê-la e valorizá-la, significa identificar-se com a própria história do Brasil e com as raízes que formam o povo brasileiro.

Conhecer a história dos negros no Brasil, pode ser um instrumento importante para entender que a política afirmativa que os negros conquistam hoje, é fruto de toda uma trajetória de luta de mais de 500 anos. É possível dizer que não se vive do passado, se vive do presente e do futuro. Porém, para se compreender as transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos, se faz necessário conhecer como era antes no início de sua construção. Há de se estabelecer parâmetros para se poder definir em que aspectos a cultura foi transformada.

Sabemos que não existe uma cultura superior a outra, no entanto existem percepções distintas sobre culturas. As comunidades passam por modificações, evoluem, passam por crises no entanto a cultura permanece. Mesmo vivenciado os avanços tecnológicos dos processos da globalização cada povo tem sua identidade, sua cultura e isso não se acaba com a evolução das tecnologias.

Ainda assim o Quilombo Urbano da Bananeira, busca fomentar suas culturas tradicionais, principalmente com reuniões, nas associações que existe no quilombo, sabemos que as manifestações que ocorrem no Quilombo urbano da Bananeira é uma forma de resistência, percebemos que os moradores tem orgulhos das festas das culturas que são

apresentada no quilombo, desde da dança-afro, capoeira festas juninas entente outras que orem ou ocorrem no quilombo Urbano da Bananeira.

3.1 – Resistência e motivação

O quilombo urbano da Bananeira, é um símbolo de resistência por ser o primeiro quilombo urbano do território do Piemonte da Diamantina, e que até os dias atuais resgata originalmente as tradições culturais principalmente em eventos comemorativos ou nas memórias das pessoas mais velhas. O quilombo Urbano da bananeira está em uma localização privilegiada por estar entre grandes Serra, e atualmente alguns membros da diretoria da associação estão aproveitando essas condições demográficas para promover o turismo de base ecológica, principalmente na exploração dos recursos naturais, nas Cachoeiras que tem nos entornos do quilombo. No entanto sempre acontece uma linda caminhada ecológica das imediações do Quilombo Urbano da Bananeira, para outro distrito que fica no entorno do quilombo Urbano da Bananeira, a Grota do Brito, essa caminhada normalmente tem uma programação bastante diversificada, com a realização de palestras durante o percurso ao ar livre com temas voltados às questões da água, desmatamento, resíduos sólidos, queimadas, terapias e também apresentações culturais como capoeiras, dança afro, teatro, música, exposição fotográfica e cineclube, uma parceria com o Cineclube Payayá (ASPAFF CHAPADA NORTE⁹), que é sempre realizado na casa de farinha. De acordo com o que está escrito no blog,jacobina24horas.com.br/

A primeira caminhada Ecológica da Grota do Brito. Que foi realizada no dia 05/05/2007Saindo da Acabana com o apoio do Sr. Presidente Luís Carvalho que ajudou na abertura, também a comunidade do Bairro da Bananeira compartiu bastante com sua presença atingida de 250 a 300 pessoas. Foi maravilhoso ver essas pessoas alegres, cantando, dançando. O Pura Vida também se fez presente, os coordenadores do time do Caxias,o Quilombo Erê, a Pastoral Afro ,os Evangelicos, os católicos da igreja de São José Operário (<https://www.jacobina24horas.com.br/>)

Evidentemente que as manifestações que culturais, que ocorrem no quilombo são traços gerais da cultura africana presentes no Quilombo Urbano da Bananeira, além do sincretismo religioso das religiões afro-brasileiras, que misturam o tradicional culto aos orixás com o catolicismo, e a culinária, com vários elementos indígenas.

O Quilombo da Bananeira nos permite compreender como tradicionalmente aconteciam as festas tradicionais dos povos, no entanto, Santos (2006, pp. 43-44) define cultura como uma

⁹ ASSOCIAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL E PRESERVAÇÃO DAS ÁGUAS, FAUNA E FLORA DA CHAPADA NORTE - ASPAFF CHAPADA NORTE

dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica. Neste sentido, a partir da definição mencionada, podemos dizer que cultura é uma construção eminentemente humana, que está presente na vida de qualquer pessoa, independente do seu grupo social

No caso da comunidade Quilombola da Bananeira, as tradições culturais de matriz africana, apesar de pouco praticadas, ainda estão presentes no cotidiano e bem vivas nas lembranças dos mais idosos guardadas na memória deste lugar. A senhora Zidalia Neri Santiago conta que nos tempos de seus pais e avós as festas eram muito mais constantes. Conforme suas afirmações, a questão cultural do povoado manifestava-se principalmente através da música como nas festas de reis, manifestações que envolviam sempre a música com instrumentos rústicos confeccionados pelos próprios brincantes.

Ainda é oportuno salientar, conforme a descrição dos dias de festa, que a mesma, envolve dimensões entre o sagrado e o profano, como a presença simultânea de rezas coletivas que mobilizam um repertório específico de hinos e orações e a realização de marchinhas, com muita música, danças, alimentação com churrasco de carne de porco, bolos, assim como bebidas de álcool.

Enquanto lugar de resistência, o quilombo Urbano da Bananeira pode ser pensado, inclusive, como espaço sincrético onde se fundiam aspectos culturais africanos, indígenas e brasileiros, de modo a serem recriadas outras culturas e significações, através dos moradores mais velhos.

Sabemos que as comunidades quilombos, são o resultado de negros e negras que se evadiram da escravidão, ou se reuniram no processo cultural e afirmação de sua identidade, sobretudo da resistência a toda dominação que o Brasil experimentou durante mais de trezentos e oitenta anos.

É evidente que a década de 90 do século passado representou uma nova realidade social e política para as comunidades negras rurais, pois com a pressão exercida pelos vários setores da sociedade civil organizada, intelectuais de diversos seguimentos e movimentos sociais, especialmente o Movimento Negro Unificado, que atuando enquanto carro chefe dessas demandas sociais, permitiram a essas comunidades um ganho em visibilidade.

Com a Constituição de 1988 e a criação da Fundação Cultural Palmares, essas comunidades têm aos poucos conseguido alcançar alguns direitos, pois a partir dela o estado nacional busca reparar injustiças contra grupos étnicos e a exclusão sofrida pelos remanescentes quilombolas. Até então, as comunidades se auto intitulavam negras, genericamente falando;

não se caracterizavam como pertencentes de comunidades quilombolas, para que não fossem vítimas preconceitos ou perseguições. É importante lembrar conforme atesta Munanga, a quanto difusa são as lutas inter-classes na sociedade brasileira

Os que pensam a situação do negro no Brasil é apenas uma questão econômica e não racista, não fazem um esforço para entender como as práticas racistas impedem ao negro o acesso na participação econômica. Ao separar "raça" e "classe" numa sociedade capitalista, eles cometem um erro metodológico que dificulta a sua análise e os condena no beco sem saída de uma explicação puramente economicista (MUNANGA, 1990, p.116).

Pouco tempo depois da CF (Constituição Federal) foi criada a Fundação Cultural Palmares (FCP), primeira instituição pública que buscava atender os grupos remanescentes de quilombos, cujo viés está voltado para a promoção e preservação da cultura e da arte Afro-brasileira.

Como sabemos, as lutas de resistência negra brasileira criaram não somente quilombos, mas também se manifestou através da formação de comunidades religiosas de matrizes africanas, conhecidas como terreiro, que além de exercitarem sua fé e expressões interculturais, era também espaços de afirmação de identidades étnicas.

No entanto o nos dias atuais A Associação Afro Brasileira Quilombo Erê - ATABAQUE, que foi criada em 2007 e tem sua sede localizada no bairro quilombola Bananeira, Jacobina-BA, na região da Chapada Diamantina Norte, nos mananciais do Rio Itapicuru. Seu principal objetivo é a promoção e a valorização da cultura afro-brasileira com uma prática educativa como elemento emancipador do(a)s negro(a)s e de todo(a)s excluído(a)s, buscando dignidade e cidadania e melhoria da qualidade de vida da população afro descendente, especialmente de crianças, adolescentes, idosos e mulheres. A comunidade obteve grandes avanços no que se refere às melhorias para o povoado. Foi através desta Associação que conseguiram participar de vários projetos que fomentam as melhorias no quilombo Urbano da Bananeira.

Como associação, a ATABAQUE vem desenvolvendo seus trabalhos há vários anos, porém já são registrados atividades desde 1988 com o nome Pastoral da Consciência Negra, posteriormente Pastoral Afro, que agregou vários dos grupos sociais, como o Grupo Esperança Jovem, na maioria jovens desempregados, as Oficinas Puravida e o Grupo de Corte Costura das Mulheres da Bananeira. A ATABAQUE realiza ações socioeducativas como a realização de cursos de capacitação profissional e organizacional para a geração de renda e a promoção da cultura afro-brasileira, em vista a elevação da autoestima dos negros quilombolas e afrodescendentes de bairros periféricos e comunidades rurais em Jacobina e nos municípios no

entorno, especialmente com mulheres, quebrando paradigmas de preconceito. Também realiza acompanhamentos periódicos em mais de 20 comunidades tradicionais da região, oferecendo assessoria política, produtiva e socioambiental, formando uma articulação entre as comunidades. Em novembro 2015 foi fundada a REDE QUILOMBOLA DA CHAPADA NORTE - RQCN, fruto de um processo de capacitação e conscientização promovido pela ATABAQUE com apoio do Programa Semear/FIDA/IICA/AECID, através do projeto ROTAS QUILOMBOLAS DO ALTO ITAPICURU. No ano 2016 foi realizado o projeto das ROTAS QUILOMBOLAS DA JUVENTUDE NEGRA, com apoio da SEPRMI do Governo da Bahia. A RQCN visa promover o reconhecimento das comunidades quilombolas pelo estado brasileiro, as quais procuram seus direitos acesso à água, luz, terra, educação e uma vida comunitária animada, produtiva e saudável. A ATABAQUE desenvolve atividades inovadoras, diferentes das práticas convencionais, a exemplo do Projeto “Fortalecimento das Feiras Agroecológicas do Piemonte qualificando os produtos com Certificação Orgânica Participativa”, apoiado pelo Programa PPP-Ecos/ISPN do Small Grants Programme do GEF/PNUD. O projeto visou qualificar os produtos agrícolas e artesanais de comunidades tradicionais quilombolas e associações da agricultura familiar a partir de um processo de capacitação em agroecologia e o investimento em design com rótulos que se inspiram na sócio-biodiversidade local e destacam a qualidade orgânica dos alimentos, aplicando mecanismos legais de certificação participativa. Através do projeto foram incluídas novas comunidades quilombolas e tradicionais nos processos de capacitação em agroecologia e da certificação participativa orgânica, consolidando a Rede Territorial de Feiras Agroecológicas do Piemonte da Diamantina (REFAS PIEMONTE) uma das maiores e mais bem-sucedidas e referenciadas articulações da agricultura familiar no ramo dos orgânicos no centro-norte do Semiárido baiano.

A trajetória da luta do movimentos quilombola, por sua vez, também é longa, remontando ao período da escravidão no Brasil, percebe-se que os avanços caminham a passos lentos, sobretudo com relação à proteção jurídica específica e à implementação de políticas públicas efetivas para os quilombos, como podemos observar no quadro abaixo.

Figura 09 Indicações, requerimentos e projetos Quilombolas - CMJ Câmara Municipal de Jacobina-BA

Projetos, Lei, Requerimentos	Comunidades Quilombolas
PROJETO DE LEI Nº 1.883 DE 13 DE FEVEREIRO DE 2019	INSTITUI E INCLUI NO CALENDÁRIO OFICIAL DAS FESTIVIDADES CULTURAIS DE JACOBINA, O ARRAIÁ QUILOMBOLA NO BAIRRO DA BANANEIRA.
PROJETO DE LEI Nº 1.689/2017	DECLARA DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL À ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA RURAL QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE E ADJACÊNCIAS – QUILOMBO ALEGRE.
PROJETO DE LEI Nº 1725/2017.	CONSIDERA DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL À ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MALHADINHA DE DENTRO.
PROJETO DE LEI Nº 1681/2017	DECLARA DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL À ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DO POVOADO DE BARROÃO VELHO - AQPBV.
PROJETO DE LEI Nº 1753/2018	CONSIDERA DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL À ASSOCIAÇÃO AFRO BRASILEIRA QUILOMBO ERÊ – ATABAQUE.
PROJETO DE LEI Nº 1979/2019	CONSIDERA DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL À REDE QUILOMBOLA DA CHAPADA NORTE - RQCN
PROJETO DE LEI Nº 2.103 /2020.	INSTITUI E INCLUI NO CALENDÁRIO OFICIAL DE EVENTOS DO MUNICÍPIO DE JACOBINA A FEIRA QUILOMBOLA E TURÍSTICA DA BANANEIRA E GROTA DO BRITO.
PROJETO DE LEI Nº 2108/2020	CONSIDERA DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL À ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DAS MULHERES DA COMUNIDADE DE LAGOA DO TIMBÓ
REQUERIMENTO Nº 167/2019	NECESSIDADE DE APOIO AO CENTRO DIGITAL QUILOMBOLA E AO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (UPT)
REQUERIMENTO Nº 169 /2019	NECESSIDADE DE APOIO AO CENTRO DIGITAL QUILOMBOLA E AO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (UPT) NO BAIRRO DA BANANEIRA,
REQUERIMENTO Nº 197/2020	DIRETRIZES CURRICULARES MUNICIPAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA,
REQUERIMENTO Nº 22 /2020	NECESSIDADE DE APOIO À COPA QUILOMBOLA DE FUTEBOL FEMININO E MASCULINO 2020 - “RESPEITA AS MINHA!”,

Fonte: Poder Legislativo do Município de Jacobina. Adaptação ESPÍRITO SANTO, EDVANIO ALMEIDA.

Essa é um quadro frutos das Resistências e motivações do Quilombo Urbano da Bananeira, podemos montar que mesmo com a grande maioria dos vereadores sendo negros, percebemos que quase não há projetos de lei que formate a cultura tradicionais dos quilombo no município de Jacobina-Bahia.

De acordo com o documento com resultados anuais de 2017 a 2020 do Poder Legislativo do Município de Jacobina, órgão responsável pela elaboração dos projetos de leis municipais podemos notar que ainda precisamos de mais representantes na câmara municipais para dar voz e vez as demandas das comunidades quilombolas do nosso entorno, porque com representatividade negra é muito importante, pois é através dela que determinado grupo social vê seus interesses políticos e sociais contemplados. Porém, nota-se que as leis nem sempre são cumpridas, levam-se muitos anos até que ocorra uma transformação de fato em uma sociedade em que a cor determinava sua condição de ser humano. Diante disso, mais uma vez é preciso que a própria Comunidade Quilombola Urbana da Bananeira busque seus direitos junto aos órgãos competentes.

As lutas e a resistência das comunidades quilombolas precisam persistir, é necessário o constante engajamento dos laços solidários e sociabilidade que os tornam diferentes e fortes. Por meio da Associação ATABAQUE, a comunidade já foi beneficiada com alguns projetos. Como exemplo, podemos citar os cursos técnicos, Curso a Universidade Para todos, atualmente o Quilombo Urbano da Bananeira está sendo contemplado com um projeto receptivo turístico-quilombola, que são oferecidos aos moradores da Comunidade.

Esse projeto é Convênio de Investimento nº 15/21 em parceria com a CAR/BAHIA PRODUTIVA/BANCO MUNDIAL que visa a Implantação do Subprojeto de RECEPTIVO TURÍSTICO-QUILOMBOLA (OBRA CIVIL, MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS) com investimento de R\$ 394.375,20, cujo objetivo é melhorar o acesso do turista à comunidade e aos seus atrativos turísticos, realizar manutenções periódicas e adequação das trilhas às normas ambientais e de segurança, de forma a proporcionar conforto e segurança aos visitantes, garantindo a infraestrutura mínima de acessibilidade, segurança e sustentabilidade. Um fator preponderante para que as atividades turísticas do Quilombo Urbano da Bananeira, sejam executadas com êxito é o pleno envolvimento da comunidade no planejamento e gestão dessa prática.

É importante ressaltar que as conquistas obtidas na comunidade são fruto da luta de organização política da comunidade quilombola, em diversas áreas como: Educação, saúde, saneamento básico e áreas de lazer. Sem a participação política e resistência da comunidade

não seria possível obter essas conquistas. Nesse sentido, é possível identificar que sem a luta da comunidade seria impossível chegar à obtenção dessas conquistas.

Falar do quilombo Urbano da Bananeira no cenário político atual, é, portanto, falar de uma luta política e conseqüentemente quando observamos sobre a atuação do poder público na comunidade, percebemos a prestação de serviços pela prefeitura de Jacobina, deixa muito a desejar no quesito prestação de serviços públicos como: saúde, educação, esporte, cultura, assistência social e lazer.

No entanto é importante frisar que o Quilombo Urbana da Bananeira, já teve um representante no poder legislativo municipal, cabe observar que foi o primeiro quilombola a chegar o cargo de vereador na cidade de Jacobina-BA. As organizações negras criadas desde do império e em toda a república brasileira, sempre foram encaradas como oposição a ordem estabelecida. Nunca foram reconhecidas pelos governos como movimentos sociais, mas sim, como grupos que estariam fomentando a desarticulação da ordem social brasileira, cuja elite majoritariamente branca, propositadamente excluía os negros de participarem como iguais dos ganhos sociais, econômicos e políticos do país.

Percebemos ainda que muitas pessoas, acreditam que o Quilombo Urbano da Bananeira não é um quilombo por estar em uma área urbana no enata quando, nos referirmos aos chamados “quilombos urbanos”, fazemos referência, aos grupos que, em meio a um contexto urbano multicultural, fragmentado e em eterna dinâmica, demarcam sua identidade mobilizando critérios étnicos e que buscam o reconhecimento de sua identidade e a segurança jurídica de seu direito à propriedade para romper o ciclo da segregação espacial. (Em anexo, certidão de autenticação do Quilombo Urbano da Bananeira.)

Considerações Finais

Os povos africanos trazidos à força para o Brasil influenciaram muito na cultura nacional, com a riqueza de elementos interculturais, resultando naquilo que podemos chamar de identidades nacionais do povo brasileiro. Certamente há uma proximidade entre o Brasil e muitos países africanos, seja nas relações sociais, linguística, econômica, expressões artísticas, culinária, identidade étnica, porém, em relação a valores éticos de dignidade humana, o Brasil carece de uma segunda abolição.

Sabe-se que em todo espaço do território brasileiro a cultura africana teve e tem forte impacto nas definições culturais identitárias brasileiras, sendo que, entre as várias formas de

manifestações do universo afrodescendentes existentes no país que podem ser encontradas em comunidades quilombolas mesmo que tenham sofrido influências de outras culturas.

Sendo assim, ainda percebendo os diversos caminhos abertos pela pesquisa realizada e a necessidade de análises mais detalhadas em futuras pesquisas, esperamos que possa somar e contribuir com elementos e conteúdos geográficos para um entendimento concreto das “atuais” categorias sociais da geografia cultural, como nos Quilombo Urbano da Bananeira, que lutaram e lutam para ter uma parcela do que restou da sua cultura presente nas memórias. Quando não se garante a visibilidade da história de um determinado povo, não se está possibilitando as gerações futuras o reconhecimento de suas próprias origens como etnia, ou como nação.

São notórias as mudanças que passaram a ocorrer no Quilombo Urbano da Bananeira é uma localidade marcada por tradições culturais vindas de seus antepassados como danças afro brasileira, sambas, capoeira, arraiar Quilombola. Contudo, ainda falta muito a ser feito pela comunidade, principalmente pelo poder público em todas as esferas.

Não foi possível, talvez pelo tempo exíguo em que estivemos com os moradores, nessa atuais condições que estamos vivendo com essa pandemia COVID, obter outras informações que pudessem contribuir com a pesquisa.

Assim, buscou-se refletir sobre as manifestações culturais do Quilombo Urbano da Bananeira, os saberes populares, e a possibilidade concreta de estimular saberes e conhecimentos que ainda resistem nos quilombos. Portanto, é de suma importância realizar ações de fortalecimento dessa identidade, propondo-se uma ação de restituição para a localidade estudada, com a proposição de oficinas, cartilhas educativas e outras atividades no Quilombo, que contribuam para efetivar essa identidade quilombola.

Acredito ter mostrado nesse estudo, que as Manifestações culturais do Quilombo Urbano da Bananeira não. São apenas uma identidade negra idealizada e abstrata, mas um vasto campo de intercâmbio e resgate de memórias, permitindo através das manifestações culturais rever caminhos já percorridos, mas também identificar desdobramentos futuros.

REFERÊNCIAS

A Visita do Presidente da República a Jacobina – Inaugurado por. S. Excia. o Aeroposto e a Nova Usina Elétrica Desta Cidade – Será Construída a Abaixadora de Senhor do Bonfim - Vanguarda, 09/10/1957. Nº417.p.1.

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. **Os Quilombos e as Novas Etnias**. In: O’Dwyer, Eliane

ASSIS, Isaura de. **Dança**: uma forma de captar a própria vida e traduzi-la em movimentos. Rio de Janeiro: Nova Escola, 1993.

BARTH, Fredrik. 1969. "Introduction". In: Ethnic Groups and Boundaries. Bergen-Oslo: Universitets Forlaget. pp. 9-38.

BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Brasília, Brasília, DF. SUNDFELD, Carlos A. Comunidades Quilombolas: direito à terra. Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC/Editorial Abaré, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade**: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura, nº11, out. 1998, p. 53-75. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>. Acesso em: 26/11/2017.

ENGELS, Friederich. Dialética da natureza. 2. ed. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1978.

CHARTIER, Roger. “Leituras populares”. In: Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Trad. Maria Lourdes M. Matencio. Campinas, São Paulo: Mercado da Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

DUARTE, Newton & MARTINS, Ligia Márcia. **As contribuições de Aleksei Nikolaevich Leontiev para o entendimento da relação entre educação e cultura em tempos de relativismo pós-moderno**. Texto inédito, 2012

FERRAZ, Fernando M. C. O fazer saber das danças afro: investigando matrizes negras em movimento / - São Paulo, 2012.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVEZ, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**; v. 26, n. 1, p. 106-115, 2014.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRANÇA, Daise Lima de Andrade. **A Prática docente expressa com ludicidade: Um repensar sobre as regras do jogo educativo na escola pública.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Educação, 2008.

FOHR, D. Trance und Magie. Die afrobrasilianischen Religionen. Munique: Kösel, 1997.

História VIVA. Índios e protestantes no Brasil holandês. Disponível em: Acesso em 21 mai. 2012^a

JESUS, Fábio Nunes de. Território e territorialidade negra quilombola em Coqueiros- BA: dos espaços de referências à afirmação identitária. 2013.165f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

JESUS, Fábio Nunes de .SILVA; Anelino Francisco da . QUILOMBO, TERRITÓRIO E SUBALTERNIDADE NEGRA NO PIEMONTE DA DIAMANTINA BA. **Anais UFRN, 2011.** Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT37/ARTIGO%20QUILOMBO%20E%20TERRIT%20D3RIO%20GT%2037%20F%20C1BIO%20NUNES%20DE%20JESUS.pdf>>. Acesso em: 06 de dez de 2019.

LARA, Larissa M. Danças de Orixás e Educação Física: Delineando Perspectivas a partir dos Rituais de Candomblé. **Revista da Educação Física/UEM.** Maringá, v. 11, n. 1, p. 59-67, 2000.

MIRANDA, C. A. S. **Vestígios recuperados:** Experiências da comunidade negra rural de TijucaBA. Tese de doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC/SP, 2006.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra livre**, v.19. p. 95, 112, ano 2002. Disponível em: <https://xa.yimg.com/kq/groups/26292119/1083379436/name/O+conceito+de+espau00E7o+ru+ral+em+questu00E3o+-+MARQUES.pdf>.

McGARRY, K.J. Da **Documentação à informação:** um contexto em evolução. Lisboa: Editorial Presença, Lda.1984.196 p.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e Histórico do quilombo na África.** In: Revista USP. São Paulo (28): 56-63. Dezembro/Fevereiro 95/96. p. 63.

MOURA, Glória. **“Os Quilombos Contemporâneos e a Educação”** In. Revista Humanidades, n. 47, novembro de 1999. Brasília: Editora UNB, 1999.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. **Identidade de Lugar.** In: ELALI, G. A. CAVALCANTE, S. (orgs) Temas Básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sempulheiros traficantes: comércio de escravos do Alto Sertão da Bahia para o oeste cafeeiro paulista. Revista Afro-Ásia. Salvador, 2000, p. 97-128.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Expressões religiosas populares e Liturgia. In Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 172, dez. 1983, p. 909-948.

PAIVA, Eduardo França. Coartações e alforrias nas Minas Gerais do século XVIII: as possibilidades de libertação escrava no principal centro colonial. Revista de História. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. p. 49-57

REIS, J.; GOMES, F. S. (org.). **Liberdade por um fio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, Joyce Maria. Políticas públicas de desenvolvimento territorial para a população quilombola: algumas considerações. Cadernos Ceru, São Paulo, v. 25, n. 2, mai. 2015. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2016.

SANTOS, J.L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: brasiliense, 2003.

SANTOS, M. Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal). Rio de Janeiro: Record, 2001

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHMIDT, C.; OLIVEIRA, K. P. A religiosidade no Quilombo do Peropava no Vale do Ribeira: distanciamentos das raízes africanas e do reconhecimento cultural. RIF.; v. 14, n. 32, p. 39- 52, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SILVA, Antônio Aparecido da. Raízes das Religiões Afro-brasileiras. Revista Sem Fronteira Ed. Especial, Junho, Taboão da Serra–SP, 1994

SOUZA, B. O. Movimento Quilombola: Reflexões sobre seus aspectos político-organizativos e identitários. In: **REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, 26, 2008, Porto Seguro.

SUNDFELD, Carlos A. **Comunidades Quilombolas: direito à terra**. Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC/Editorial Abaré, 2002.

SOUZA. A. A. **Memórias da dança: recortes de um movimento**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

SOUZA, Bárbara O. Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 203 p.

VAZ S. J. Henrique de Lima. *Cultura e universidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1966. (Coleção educar para a vida. V. 10).

MUNANGA, K. O que é africanidade. In: *Vozes da África*. Biblioteca entre livros. Editora Duetto, edição especial nº 6, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *As religiões negras do Brasil: Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros*, São Paulo – SP: Revista USP, 1995.

SILVA, M. C. P. *Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2020. p. 15.

MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 75-97, 2016.

SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

MALCHER, Maria Albenize Farias. Identidade Quilombola e Território. *Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação*. p. 399-421, 2009. Disponível em: Acesso em: 25. Abr. 2019.

Apêndice

A expressividade da Dança Afro no Quilombo Urbano da Bananeira



Foto arquivo particular de ESPIRITO SANTO, Edvanio Almeida 2019

Entrada do Quilombo Urbano da Bananeira



Foto arquivo particular de ESPIRITO SANTO, Edvanio Almeida 2019

Comemoração 20 de Novembro no Quilombo Urbano da Bananeira



Foto arquivo particular de ESPIRITO SANTO, Edvanio Almeida 2019


A principal rua do Quilombo Urbano da Bananeira, Rua do Rosário



Foto arquivo particular de ESPIRITO SANTO, Edvanio Almeida 2021

ANEXO

Certidão de autenticação do Quilombo Urbano da Bananeira



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988


Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

A Presidenta da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.014275/2013-75 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE BANANEIRA**, localizada no município de Jacobina/BA, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 018, Registro nº 2.393, fl.014, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTE DOS QUILOMBOS.**

Eu, Igor Correia dos Prazeres, (Ass.),....., Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro – Substituto, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, 2 de maio de 2016.

O referido é verdade e dou fé.


Maria Aparecida da Silva Abreu
Presidenta
Fundação Cultural Palmares